

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE HUMANIDADES

BIANCA MASCARELLO GIOTTI

**“ANDIAMO AL CAMPO SANTI”: A MOBILIZAÇÃO POPULAR PARA O
TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES**

Caxias do Sul

2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE HUMANIDADES

BIANCA MASCARELLO GIOTTI

**“ANDIAMO AL CAMPO SANTI”: A MOBILIZAÇÃO POPULAR PARA O
TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora Prof. Me. Eliane Machado Corrêa Cardoso

Caxias do Sul

2019

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as motivações que permitiram a preservação e o tombamento municipal do primeiro cemitério da Capela São Martinho, no interior de Flores da Cunha, nomeado hoje como Campo Santo dos Imigrantes. A forte presença do catolicismo na região orientou a construção da necrópole que mesmo após o encerramento de suas atividades fúnebres foi mantida pela família vizinha. O desejo de proteger o Cemitério se estendeu a outros núcleos sociais e assim inicia a busca pelo tombamento municipal do bem. Nesse viés, a pesquisa permite conhecer as análises que podem ser feitas nos cemitérios e sua relação com a conservação da memória, além de compreender as motivações que preservaram o Campo Santo. Para isso, serão utilizadas como fontes os arquivos que compunham o processo de tombamento, atas, notícias em jornal local e entrevista oral com os principais envolvidos.

Palavras-chaves: Memória, patrimônio, cemitério, Flores da Cunha

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão*

*Mas as coisas fíndas
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

À memória de Domingos Caldart. Sem ele, nada do que aqui se registra seria possível.

AGRADECIMENTOS

À professora Eliane, que conduziu com amor e paciência os passos deste trabalho.

Aos demais mestres do curso de História, exemplos de profissionais e, principalmente, exemplos de seres humanos.

A todos os facilitadores desse trabalho, aos entrevistados, aos membros da AAMAHPR e funcionários públicos, sempre solícitos nos meus inúmeros pedidos e dúvidas.

Às companheiras da minha vida, Betina, Camila M, Camila S, Micaela, Nathália e Paula, que por tantas vezes viram o desenvolvimento desse trabalho em tempo real e me acompanharam as idas ao Campo Santo.

À minha irmã Maitê, minha encorajadora e leitora assídua das minhas produções.

À minha mãe Joanete, maior exemplo de força e motivação acadêmica, mesmo sem diploma algum.

Ao meu irmão do coração, Christian, que seguiu todo meu trajeto acadêmico e norteou essa pesquisa ao sugerir a temática.

À família Caldart, em especial à Fátima, que além de preservar o Campo Santo não mediu esforços para me ajudar na realização desta pesquisa.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Fotografia de uma das cruzes que compõe o Cemitério Campo Santo dos Imigrantes, em novembro de 2019. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 2 - Fotografia da “Cruz Dupla”, presente no Cemitério Campo Santo dos Imigrantes. Conforme entrevistas, ali estão enterrados dois irmãos gêmeos, por isso a duplicidade do artefato. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 3 - Monumento em pedra gres, o único do cemitério, tendo sido trazido de São Sebastião do Caí para o sepultamento de Domênico Caldart. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 4 - Uma das 21 cruzes, com os dizeres: “*Qui giace spoglie di Sotoriva Teresa, che um morbo crudele da rapiva dal seno della famiglia il giorno 25 setenbe, del 1901, com leta di 63 anni. Il desalato marito Sotoriva Geronimo pace eterna*”. (Aqui jaz os restos mortais de Teresa Sotoriva, que foi tirada do seio de sua família por uma doença cruel, no dia 25 de setembro de 1901, com 63 anos. O desolado marido Geronimo Sotoriva. Paz Eterna). Acervo Pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 5 - Local onde estão sepultados os 40 combatentes da Revolução de 1923, com cruzes em ferro confeccionadas por Plínio Mioranza e Domingos Caldart em meados de 2005. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 6 - Colocação de flores formando a palavra “Gracie”, em homenagem aos sepultados no cemitério, em 7 de setembro de 2019. Fonte: Acervo pessoal/Fatima Caldart Galiotto

Imagem 7 - Panorâmica do visita ao Campo Santo com a homenagem exposta, 7 de setembro de 2019. Fonte: Acervo pessoal/Fatima Caldart Galiotto

Imagem 8 - Cruz de metal colocada na beira de estrada por Domingos Caldart, que indica o local do Campo Santo. Acervo Pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Imagem 9 - Placa indicativa atual, desenvolvida pela Prefeitura Municipal. Acervo Pessoal/Bianca Mascarello Giotti

LISTA DE SIGLAS

AAMAHPR - Associação dos Amigos do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

CDAA - Comissão Diocesana de Arquitetura e Arte Sacra da Diocese de Caxias do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	13
1.1. ESPECIFICANDO OS CONCEITOS	13
1.2. RELAÇÃO DO PATRIMÔNIO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	17
CAPÍTULO 2 - CEMITÉRIOS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA	19
2.1 ORIGEM DOS ESPAÇOS FÚNEBRES	19
2.2. POSSÍVEIS ANÁLISES DENTRO DOS CAMPOS SANTOS	22
CAPÍTULO 3 - O CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES	27
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS	27
3.1.1 EMIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E POVOAMENTO DA SERRA GAÚCHA.....	27
3.1.2 NOVA TRENTO: FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	29
3.1.3 TRAVESSÃO MARTINHO E SEU CEMITÉRIO	30
3.2. MEMÓRIA COLETIVA - O CASO DA REVOLUÇÃO DE 23.....	34
3.3. CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES NA CONTEMPORANEIDADE	38
3.3.1. RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E O PROCESSO DE TOMBAMENTO ...	38
3.3.2. PROJEÇÕES FUTURAS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
FONTES DE PESQUISA	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	51

INTRODUÇÃO

A ideia de conservação da própria cultura está presente em inúmeros grupos sociais que se desenvolveram ao longo da história da humanidade e perdura até a atualidade. Em Flores da Cunha, esse desejo de preservar a origem italiana imigratória é nítido, estando presente nos museus, exposições, nas principais festas e até na bandeira do município, que é composta pelo espelho das cores da bandeira italiana. Essa valorização que a administração pública e a população destinam para a imigração foi exemplificada no caso do processo de tombamento do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes, objeto principal a ser analisado neste estudo.

Localizado no interior de Flores da Cunha, na Capela São Martinho, o Cemitério foi construído no fim do século XIX, sendo o mais antigo do município. Foi a primeira necrópole construída pela comunidade e permaneceu em funcionamento até meados de década de 40. Após a construção de um novo espaço para esta finalidade, o local teve suas atividades fúnebres encerradas e ficou à mercê da deterioração temporal e humana. Entretanto, seu valor afetivo familiar e histórico fez com que sua preservação fosse possível. Através dos cuidados recebidos, primeiramente pela família vizinha e descendente de um dos sepultados no Campo Santo, hoje o local mantém algumas de suas cruzeiras originais e está protegido pela lei de tombamento municipal de Flores da Cunha, nº 1062/1986.

Mas o caminho da preservação de interesse privado até a preservação regularizada através da inscrição do Campo Santo dos Imigrantes no Livro de Tombo foi longo e conflituoso. As primeiras movimentações para este fim datam de 2005¹, quando a Câmara de Vereadores encaminha uma indicação para tombamento. Na época o município não contava com Conselho Municipal de Cultura, responsável pelo livro do Tombo, conforme dispõe a Lei Municipal nº 1062, de 19 de março 1986. Além das complicações burocráticas, o Cemitério se encontrava em terras particulares, cujos donos não tinham interesse em mantê-lo e por diversas vezes foi tramitado sua venda e demolição. O envolvimento comunitário para a defesa do local ganha força quando encontra apoio da Associação dos Amigos do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi (AAMAHPR), entidade florense com interesse na preservação cultural e histórica da imigração italiana da cidade. Após diversos trâmites, é criado o

¹ De acordo com a coluna “Memória e Patrimônio”, de Gissely Lovatto Vailatti: “Campo santo centenário pede socorro”, publicada no Jornal O Florense, edição de 20 de março de 2015.

Conselho Municipal da Cultura, em 2015, e em 8 de agosto de 2018 é assinado o decreto executivo que “homologa o tombamento do conjunto histórico e cultural denominado de “Campo Santo dos Imigrantes”². Conforme consta no Parecer em Relação ao Cemitério Antigo da Capela São Martinho, emitido pela AAMAHPR, a justificativa para tal ato é a importância histórica e o considerável valor cultural que representa:

Justifica-se a preservação desse cemitério por ser o mais antigo e completo, construído pelos imigrantes italianos no município de Flores da Cunha. O local é todo cercado por taipas e mantém ainda cruzeiros de ferro e um monumento em pedra. (AAMAHPR, 2018)³

O entendimento da necessidade de preservação desse espaço vai ao encontro com a significação que os cemitérios trazem para a cultura católica e, conseqüentemente, imigrante italiana. Palavra de origem grega-latina, “cemitério” indica lugar especial, reservado ao descanso eterno⁴. Segundo Monteiro (2014), os cemitérios também são locais de oração e por isso vão além de enterrar o corpo. Conforme cita Bellomo (2000), o cristianismo tem como fundamento a ressurreição e com isso cria a concepção de vencer a morte, por isso um dos fatores que integram e identificam as famílias e comunidades é a preservação da memória dos mortos. E é justamente essa preservação que foi insistentemente buscada pelo grupo interessado.

Diferente do que é visto em muitos bens tombados, em que o Estado torna oficial a classificação de certo bem como patrimônio, diversas vezes sem ação da comunidade em que ele está inserido, no caso do primeiro cemitério do Travessão São Martinho vê-se o movimento contrário. O local tem seu registro no livro do tombamento municipal devido ao interesse pessoal de membros da referida comunidade e da Associação dos Amigos do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi de Flores da Cunha. A busca pela segurança e proteção do cemitério vai ao encontro com a ideia de pensar a patrimonialização como lugar a ser resguardado, conforme exposto por Castro (2008): “instaurando a memória como forma de pertencimento social, criando e preservando lugares para a memória coletiva, como

² Decreto Executivo nº 5.538 de Flores da Cunha, de 8 de agosto de 2018.

³ ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE MUSEUS E ARQUIVO HISTÓRICO PEDRO ROSSI. Parecer em Relação ao Cemitério Antigo da Capela São Martinho, Travessão Martins, Flores da Cunha/RS. Flores da Cunha, 2018.

⁴ MONTEIRO, Katani Maria; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). Vozes de Vila Seca. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2015

possibilidades de evitar o desaparecimento do passado e de resguardar uma identidade de todos e para todo o grupo social”.

A partir dessa contextualização, essa pesquisa busca compreender como se desenvolveu o tombamento do cemitério Campo Santo dos Imigrantes. Para isso, procurarei apresentar a história do cemitério, buscando através da entrevista oral os acontecimentos que marcaram esse patrimônio e conseqüentemente seu tombamento. O título adotado está diretamente relacionada com história oral do espaço e as entrevistas já realizadas. Ao conversar com Domingos Caldart, o responsável pelos cuidados gerais do espaço nos últimos anos, me foram contadas algumas lembranças da sua infância e a relação com o cemitério. Ele contou que se lembra de cuidar e rezar no local “desde sempre”, e sua filha, Fátima, lembra que a avó tinha o costume de falar “Andiamo al Campo Santi”⁵ para chamar a família nas suas visitas ao cemitério. O costume familiar de zelar por essa área passou de geração e perdura até a atualidade, com o esforço proferido principalmente pela família Caldart para que o tombamento fosse efetivado.

Conforme já explanado, o referido processo de tombamento se difere de outros devido ao interesse comunitário na ação e desta forma serão apresentados as razões que motivaram sua proteção através do valor histórico e cultural concedido ao local. Por isso, a relevância da pesquisa se constitui em interesses de viés historiográficos, regionais e até mesmo pessoais.

O estudo específico acerca do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes é inédito no meio acadêmico e foi pouco explorado em outras áreas de pesquisa e divulgação. Assim, os pontos que podem ser abordados são amplos e dão margens para futuros trabalhos, como a significação das cruzes que o compõe e quem são seus enterrados. Por ser o primeiro registro específico deste local, cabe nesta pesquisa a sua identificação e relevância para a comunidade florense. A busca pelo tombamento do Cemitério emerge de um pequeno grupo de interessados, que servirão como fonte oral na construção deste trabalho.

Para melhor organização, esse trabalho está dividido em três capítulos principais. No primeiro deles, denominado “Memória e Patrimônio”, o objetivo principal é a especificação desses conceitos, relacionando a preservação da memória através da preservação do patrimônio.

⁵ “Vamos ao Campo Santo”, em Talian, variante da linguagem italiana vêneta, falada na região.

Para mostrar como as necrópoles podem apresentar diferentes leituras, o segundo capítulo “Cemitérios como espaço de Memória” explica as suas origens e destaca as possíveis análises a serem feitas nesses locais.

Intitulado “O Campo Santo dos Imigrantes”, o terceiro capítulo enfoca especificamente no objeto de estudo, contextualizando o espaço e apresentando as características arquitetônicas que os compõem, bem como alguns fatos interessantes que nele ocorreram e que através da história oral nos é conhecida. Finalizando, o Cemitério será analisado na atualidade, descrevendo como é sua relação com a comunidade, as motivações e as etapas do processo de tombamento. Para encerrar, serão expostas as expectativas para com esse bem, agora tombado e assim protegido.

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

1.1. ESPECIFICANDO OS CONCEITOS

Os processos de tombamentos de bens materiais e imateriais tem por objetivo sua preservação, que está diretamente ligada à ideia de preservar a memória daqueles que estão envolvidos nesse espaço. No processo de tombamento do Campo Santo dos Imigrantes, objeto central de estudo deste trabalho, esse ideal se mantém:

[...] Em outras palavras, o objeto remanescente transcende o seu caráter religioso, abrangendo outras questões como identidade, memória histórica e afetiva, que ainda hoje se mantém vivas. A exemplo do que acontece em muitos lugares pelo mundo, os cemitérios preservados podem ser verdadeiros museus a céu aberto, proporcionando práticas de turismo cultural. (CDAAS, 2015, p. 1)⁶

Localizado no Travessão São Martinho, no interior de Flores da Cunha, o cemitério hoje nomeado como Campo Santo dos Imigrantes foi o primeiro espaço fúnebre construído na região, ao final do século XIX, e permaneceu em atividade até os anos 40. Nele, se encontram características próprias do período, como cruzeiros em ferro moldados de forma artesanal e um monumento em pedra *gres*. Após a construção de uma nova necrópole, o Campo Santo encerra suas atividades e recebe a manutenção e os cuidados da família Caldart, descendente dos imigrantes ali sepultados e vizinhos do terreno. Fátima Caldart Galioto lembra que sua avó seguidamente chamava os filhos (“*Andiamo al Campo Santi*”) para realizar a limpeza e rezar no cemitério. A tradição se manteve, passando pelas gerações e ultrapassando o âmbito familiar, sendo comum, principalmente no Dia dos Finados, encontrar fiéis orando no local⁷.

A permanência desse costume exemplifica como os locais físicos contribuem com a memória e, conseqüentemente, com a história de uma comunidade. Mas para poder contextualizar a relevância da preservação de um local para a preservação da memória é preciso teorizar seu significado. O pensar em “*memória*” abrange conceitos científicos com a propriedade de conservar informações no campo funções psíquicas (Le Goff, 1990). No contexto das ciências humanas, Diehl (2002) a classifica como um saber, formador de

⁶ Conforme consta no parecer técnico da Comissão Diocesana de Arquitetura e Arte Sacra da Diocese de Caxias do Sul,

⁷ Informações obtidas através de entrevista realizada por Bianca com o senhor eu Domingos Caldart e Fátima Caldart Galiotto, em 18 de maio de 2019, disponível no Anexo A.

tradições, que se constitui de elementos individuais e coletivos⁸. Essa relação com as tradições faz com que a memória, principalmente no viés comunitário, assuma funções de identificação cultural, de controle político-ideológico, de diferenciação e de integração (p. 117).

A *memória* como estudo dentro do campo histórico também é apresentada por Le Goff em concomitância ao desenvolvimento da humanidade e suas alterações, iniciando com a memória oral das sociedades sem escrita e o surgimento desses registros na Idade Antiga, o equilíbrio entre as duas vertentes na sociedade medieval e seu progresso até a atualidade (p. 432).

O século XVIII expande a visão da *memória coletiva* com o registro em papel, de fácil acesso, sendo os dicionários e as enciclopédias responsáveis por evoluir o pensamento que estava fragmentado (p. 461). Le Goff destaca que durante a aproximação da memória técnica dos vivos, ela parece ter se distanciado dos mortos: os túmulos se simplificam, os cemitérios ficam à mercê da natureza, desertos e mal cuidados (p. 462). A volta da valorização fúnebre está ligada com a Revolução Francesa, inaugurando uma nova área desses espaços:

A grande época dos cemitérios começa, com novos tipos de monumentos, inscrições funerárias e rito da visita ao cemitério. O túmulo separado da igreja voltou a ser centro de lembrança [...].O século XIX vê, não mais tanto na ordem do saber como o século XVIII, mas na ordem dos sentimentos e também, diga-se em abono da verdade, da educação, uma explosão do espírito comemorativo.(Le Goff, 1990, p. 462)

De acordo com Le Goff (1990), a memória é “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (p. 476). Ao tratar da memória coletiva, afirma que não é somente uma conquista da sociedade mas também um instrumento e um objeto de poder. Essa categoria de análise da memória está presente também na obra de Halbwachs (1950), que cita que o indivíduo está inserido tanto na memória individual como coletiva, que se dá pelo ambiente social de convívio que se encontra.

Halbwachs explana em sua obra as diferenças ao pensar em história e em memória coletiva⁹, sendo essa última vista “de dentro”, o que permite que o grupo “no momento que

⁸ DIEHL, Astor Antônio. Memória e Identidade. IN: DIEHL, Astor Antônio. Cultura historiográfica: memória, identidade e representação. Bauru, SP. EDUSC, 2002.

⁹ Em seu capítulo “Entre Memória Coletiva e História” (p. 80) são explanadas as principais diferenciações entre os termos. Para ele, a história “é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória humana”, mas que esses fatos são escolhidos, repassados e classificados conforme as necessidades ou regras vigentes. A história também teria o objetivo de “lançar uma ponte entre passado e presente”, deixando claro a existência

em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (p. 86). Ao discorrer sobre a Memória Coletiva e o Espaço (p. 131), o autor apresenta que “o lugar recebeu a marca do grupo e vice-versa” (p. 133) e que não há memória coletiva sem estar inserida também em um espaço (p. 143).

Esse espaço relacionado como lugar de memória está exposto no trabalho de Pierre Nora (1993). O autor afirma que esses locais são criados e mantidos do sentimento de que não há memória espontânea, é necessário criar arquivos para o reconhecimento (p. 13). Dessa forma, os locais de memória são seu próprio referente, que se insere na valorização social: “um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (Nora, 1993).

E são justamente essas significações que fazem com que a ideia de *patrimônio* seja amplamente trabalhada nos estudos históricos. Funari e Pelegrini (2009) conceituam o patrimônio no contexto mundial, caracterizando sua origem latina na relação daquilo que pertence ao patriarca da família. Por sua esfera privada e aristocrática da Roma Antiga, o conceito de Patrimônio Público, tema central a ser aqui trabalhado, ainda era inexistente (p. 11). As modificações dentro do conceito vão se desenvolvendo ao longo da história e desta forma os autores o caracterizam para a modernidade. Nessa abordagem destaca-se a ampliação da sua significação, que começa a ser pensado como “construções sociais historicamente edificadas”:

A definição de patrimônio passou a ser pautada pelos referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações inatingíveis. [...] Essa abertura temática permitiu que construções menos privilegiadas ou mais populares, como moinhos, mercados públicos ou estações de trem, fossem reconhecidas como patrimônio. (Funari e Pelegrini, 2009, p. 32)

O citado reconhecimento de edificações como construções sociais é amplamente visto ao tratar do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes. A valorização destinada pela população e sua busca pelo tombamento do espaço exemplificam essa vertente. Conforme cita Lorete, em entrevista concedida em maio de 2019¹⁰, além das características estruturais singulares do

dessas duas linhas. Já ao pensar em memória coletiva essas linhas se fundem, existindo apenas limites irregulares e incertos (p. 84). Além disso, a memória coletiva tem como característica a multiplicidade pois cada grupo pode compor a sua. (Halbwachs, 1950).

¹⁰ Entrevista completa presente no Anexo B

Cemitério, a necessidade de seu tombamento tange também a manutenção da história do local:

Olha, eu acho que a importância, independente de ser o Conselho da Cultura, eu acho que nós temos a responsabilidade de sermos assim, os guardiões da história, e se nós não preservamos, as futuras gerações, ou as próximas gerações, elas não terão respostas para questões assim: quem somos nós? e o que fizemos nós? Entende? Então eu acho que a importância de preservarmos um patrimônio é que tem que preservar a nossa história. Porque se nós não tivermos a nossa história, não saberemos nem quem fomos né? Para o Conselho da Cultura era fundamental que esse bem fosse tombado. [...] Porque em toda história e em todas as culturas, os mortos sempre foram uma preocupação né e não diferente conosco como imigrantes italianos, e os que se localizam nessa região de São Martinho, a primeira coisa que acontecia era um local da igreja, pra fazer a capela, pra fazer o seu capitel e em logo em seguida o local para depositar seus mortos, e sempre perto de uma estrada. E esse cemitério tem características que qualquer outro cemitério não tem.

Ao pensar no contexto nacional, Funari e Pelegrini (2009) relembram o Iphan, órgão nacional responsável pela proteção do patrimônio cultural do Brasil, que tem seus critérios de seleção “pautados pela identificação da característica estética da obra, sua autenticidade e seu caráter excepcional” (p.45).

Já Gonçalves (2003) classifica o patrimônio como uma das palavras mais populares em nosso cotidiano e que na modernidade pode ser distribuída no âmbito econômico, cultural e natural, apresentando as diferenças no patrimônio material e imaterial (p.27). Ao tratar da significação do patrimônio, o autor exemplifica a valorização dos elementos religiosos na Festa do Divino. Com conotação religiosa e espiritual, os objetos utilizados nas celebrações são valorizados não por seu valor material, mas sim pelo o que representa e no que essa representação contribuirá:

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (Gonçalves, 2003, p. 31)

As noções de que estruturas físicas podem ser significadas e assim identificar grupos e comunidades sociais são recorrentes nos estudos de bens patrimoniais. Isso se dá principalmente pelas referências na preservação da história e memória dessas comunidades, que podem ser trabalhadas nos patrimônios, conforme será explanado a seguir.

1.2. RELAÇÃO DO PATRIMÔNIO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Conforme já apresentado, é desejo recorrente entre as sociedades que sua cultura seja preservada e assim seguida por geração a geração. Essa vontade está embasada, conforme cita Tedesco (2004), à necessidade humana de pertencimento a uma comunidade, com manutenção da história e dos valores (p. 82). O autor explana que, desse modo, a memória patrimonial é vista como uma construção social, que tem por objetivo deixar vestígios do que já não faz parte do tempo presente para que se possa conectar a própria memória aos fatos.

Nessa linha de pensamento, Knack (2015) mostra que a ideia de patrimônio, embora também associada com a imaterialidade, está relacionada com o conceito de “bem” e que “as pessoas desenvolvem ligações profundas com esses bens, que contribuem para a formação de suas identidades” (p. 15). A preservação dos bens é justificada pelo autor devido a sua utilidade, mas principalmente pela importância simbólica que esses objetos transmitem. Para Knack (2015), mesmo que cada indivíduo tenha sua identidade moldada através de vivências únicas, ela se constrói também pela coletividade, nas diferenças e semelhanças que a compõem.

Os espaços que são preservados nas cidades tornam-se referência para seus habitantes, o que configura o conceito de memória patrimonial, conforme explanado novamente por Tedesco (2004), e assim dimensiona coletivamente o patrimônio (p. 74). O comportamento coletivo das sociedades permite a recriação da memória coletiva através de laços com o ambiente, segundo Machado (2015). A autora afirma a essencialidade desses laços para que se tenha o sentido de social:

A memória e o patrimônio histórico cultural constituem-se nos mecanismos psicológicos, cognitivos e políticos de manter homens, mulheres e crianças vivos, de lhes dar sentido e instrumental social e referencial aos projetos individuais e sociais que, por sua vez, configuram o que chamamos de sociedade e de história. O desconhecimento desse processo constitutivo de identidade e instrumental intelectual, além de nos imobilizar, é o protagonista dos preconceitos e das violências culturais, sociais e econômicas (Machado, 2015 p. 10)

Esse entendimento, ainda que formado em pluralidade, a retomada de representações culturais cria “consciência e um sentimento de grupo para os seus componentes [...]. Apresenta visões sobre o passado, que existe um vínculo entre ele e aquilo que está vendo, ouvindo ou vivendo, que esta é sua identidade social” (MACHADO, 2015, p. 25)

De entendimento similar, Zanin (2006) caracteriza que o patrimônio, visto do âmbito cultural, é uma construção feita com escolhas que se relacionam diretamente com valores e que esses valores podem ser tanto etnográficos, artísticos, históricos e paisagísticos. Com isso, sua preservação envolve agentes sociais e instituições oficiais e é ancorada na já apresentada noção de valor, que é mutável ao longo do tempo e espaço (p.30). Justificando esse pensamento, estão os processos de tombamento, que serão exemplificados posteriormente neste trabalho. Zanin afirma que “a preservação do patrimônio cultural é uma forma de evitar a amnésia social” (p.121), pois ao manter certos bens materiais é possibilitado de que a sociedade reconstrua as memórias coletivas existentes no meio. A historiadora explica ainda que, por sempre passar por seleção, esse processo de preservação também faz que se produza as lembranças e os esquecimentos daquela comunidade.

Com isso, deve-se analisar também o papel daqueles que participam ativamente dos processos de tombamento:

O estabelecimento de políticas públicas para preservação de certos elementos materiais da cultura material é uma prática social gerada por determinadas representações que as sociedades constroem sobre si mesmas e sobre seus passados. Aquilo que é considerado como patrimônio cultural de uma região ou nação não é dado aprioristicamente, mas é uma construção que requer escolhas e estas, por sua vez, vinculam-se a valores. (Zanin, 2006, p.129)

Ao encontro das ideias aqui expostas está o tema central deste trabalho. Ao caracterizar o cemitério Campo Santo dos Imigrantes e ao conhecer sua história e visibilidade dentro da comunidade florense procura-se entender o porquê dele ser o primeiro espaço tombado por lei municipal. Sabe-se que a região da serra gaúcha mantém certo monopólio de valorização da cultura imigrante italiana e dessa forma o Campo Santo se insere na linha de interesse de manutenção dessa vertente. A utilização dos cemitérios para fins de memória e assim a continuidade da identidade cultural existente sucede-se agora.

CAPÍTULO 2 - CEMITÉRIOS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA

2.1 ORIGEM DOS ESPAÇOS FÚNEBRES

A preocupação com o corpo após a morte remete ainda ao início do desenvolvimento da humanidade. De acordo com Otobelli e Vailatti (2007), há registros arqueológicos que comprovam o enterro de corpos já nos primórdios da raça humana, nos períodos que antecedem a escrita. O simbolismo e a mística em torno do tema surgiria na Era Paleolítica, com o cuidado com as sepulturas e os corpos, muitas vezes encobertos com ocre vermelho (p.17).

Esse interesse se torna mais nítido nas sociedades antigas e clássicas através do uso das pirâmides, túmulos subterrâneos, catatumbas e ritos funenários, conforme explana Bellomo (2000). O cristianismo, com sua crença em vida após a morte, desenvolve o zelo com o corpo finado e por isso eram enterrados nas igrejas, conventos e capelas particulares. Otobelli e Vailatti (2007) explicam que essa prática perdurou até o século XVIII, quando o acúmulo de sepultados nesses locais e as questões sanitárias tornaram necessária a criação de um espaço específico para esse fim, os cemitérios. No Brasil, esse espaço próprio surge seguido da Independência de 1822, após ser proibido o sepultamento dentro das igrejas. De acordo com as autoras, é depois do aparecimento dos cemitérios que os ritos fúnebres ganham força, com inúmeras manifestações religiosas praticadas nos locais.

A mudança do local de enterro é contextualizada também por Castro (2008), que cita os ideais higienistas como influência em algumas práticas prejudiciais à saúde e assim uma nova forma de pensar nas cidades e no sepultamentos, que deveriam ser em locais arejados e fora das igrejas. Timpanaro (2006) descreve a insatisfação da população nessa mudança, pois agora os falecidos não seriam lembrados cotidianamente, mas sim apenas por aqueles que procurassem o sepultamento (p.43). O início da utilização dos cemitérios extramuros gerou preconceito, sendo os primeiros enterros realizados nos locais destinados aos suicidas, criminosos e indigentes. A sociedade mantinha a preocupação com a salvação da alma após a morte e acreditava que ela se daria com o sepultamento dentro da igreja.

Já citada, Castro (2008) relaciona esse fato ainda aos preceitos da nova ordem econômica, a burguesia que, em ascensão nesse período, altera a paisagem urbana e hábitos

comuns (p.37). Daí inicia a chamada “geografia social da morte”, com distinção da classe econômica e social dentro das necrópoles.

Nessa interpretação, Bellomo (2000) afirma que “a morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais” (p.15). Para ele, nos cemitérios são divididos economicamente, pois existe a área dos mais ricos, com grandes mausoléus, a área da classe média, que geralmente se caracterizam por mausoleos menores e catatumbas na parede, e a parte destinada ao pobres e marginais.

Essa divisão também é nítida nos cemitérios de Flores da Cunha e, conseqüentemente, no Campo Santo dos Imigrantes. Embora sua estrutura seja majoritariamente de cruces artesanais de ferro¹¹, o local conta com um túmulo central, feito de pedra *gres*, que ocupa lugar de destaque. O monumento é um dos poucos no qual está nítido o nome do sepultado, pertencente a Domenico Caldart, um imigrante italiano pioneiro na região, falecido em 1908. Além disso, o Campo Santo conta com o limbo, espaço construído fora da demarcação do cemitério e destinado para o sepultamento de não-católicos. Cabe citar que, segundo Otobelli e Vailatti (2007), entre o limbo e o Campo Santo estão enterrados cerca de 40 combatentes da Revolução de 23, falecidos em conflito ocorrido na comunidade vizinha de Alfredo Chaves, a ser descrito no último capítulo desta pesquisa.

O surgimento dos cemitérios, após estipulado o fim dos enterros dentro das igrejas, também é identificado pelo caráter público desse espaço, destinado ao sepultamento de todos daquela região, mas feito de forma distinta, conforme já explanado. Ainda que comunitário, cada indivíduo (nos comuns casos de testamento para o pós-morte)¹² ou familiar busca a singularidade e contato com o divino. O uso de objetos que remetem a identidade se torna comum, como o uso de fotos, apelidos, brinquedos e os populares epitáfios (Otobelli e Vailatti, 2007). Essa individualização se destina ainda ao culto aos mortos, o principal motivo da manutenção dos cemitérios, que são próprios da contemporaneidade. A arte cemiterial também se enquadra nesse contexto, com a presença de cruces e representação de santos católicos.

¹¹ Conforme Parecer Técnico de Avaliação Mercadológica, emitido pela Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Trânsito de Flores da Cunha, de abril/2018

¹² Castro (2008) explica em sua tese que a ideia da morte sempre esteve presente e que por isso a confecção de testamento era comum, no qual eram expostos os detalhes de como o falecia desejava seu funeral e enterro, além de outras questões religiosas e de vertente pessoal (p.36).

Na atualidade, os espaços fúnebres se configuram como um local já consolidado na paisagem urbana, estando presente na grande maioria das cidades e comunidades rurais. A solidificação dos cemitérios está ligada à pura necessidade de enterro dos corpos mas principalmente ao significado religioso que o sepultamento contempla. O catolicismo é predominante na região da serra, muito relacionado ao movimento imigratório que povoou a área no século XIX. Conforme já citado, a crença na ressurreição engloba a doutrina católica e assim os cemitérios são mantidos com zelo e cuidados pelos familiares e comunidade.

Pelo caráter pessoal e emocional que o espaço contempla, ela acaba se tornando singular, carregado de imagens que remetem às crenças familiares e ao próprio sepultado. Assim, são diversas as observações que alí podem ser feitas.

2.2. POSSÍVEIS ANÁLISES DENTRO DOS CAMPOS SANTOS

À primeira vista, o cemitério pode apresentar simples função fúnebre religiosa, mas ao lançar um olhar mais atento ao espaço se nota inúmeras outras narrativas que podem ser analisadas. Conforme já explanado, o surgimento desses locais data no século XVIII e a partir disso ele se desenvolve de forma única em cada comunidade. A forma como os túmulos são construídos, as imagens santas e as cruzes reproduzidas e principalmente a distinção presente nos mausoléus são fontes a serem estudadas.

A obra de Bellomo (2000) apresenta algumas áreas principais de conhecimento que podem ser estudadas dentro desses espaços: a etnicidade, genealogia, preservação da memória familiar e da comunidade, crenças religiosas, ideologia política, gosto artístico, evolução econômica e posição da população em relação à morte (p.18).

Ao olhar os nomes das famílias e suas fotografias, o autor afirma que se pode conhecer a formação étnica e a genealogia da região através de seus sobrenomes. Nas sepulturas coletivas ficam claras as relações familiares e até mesmo a endogamia e a exogamia¹³. As inscrições que alí são preservadas são fundamentais para a formação da identidade e permitem que se conheça a atuação das diversas gerações e o processo histórico.

O estudo das crenças locais também pode ser realizado através de inscrições, símbolos, estátuas e pinturas. A cruz, símbolo mais recorrente nos cemitérios estudados por Bellomo (2000), também é o mais característico do Campo Santo. Toda a estatuária presente pode ser analisada de acordo com seu significado e como expressão do gosto artístico dos envolvidos. Dalmáz (2000) diz que é essa variedade de adereços que faz ser possível a identificação das concepções religiosas nesses locais (p.119).

Ao observar esses itens, Dalmáz (2000) conceitua a “simbologia cemiterial”, que tem por objetivo transmitir e expressar os valores culturais:

A representação simbólica seria, então, uma forma de comunicação, onde a cultura e os padrões sociais seriam transmitidos não por meio de frases ou de palavras, e sim, através de símbolos, tais como um objeto, uma letra, uma escultura e outros. [...] Aqui

¹³ Conforme classificação de Bellomo: “Endogamia: casamento dentro do grupo familiar” e “Exogamia: casamento fora do grupo” (p.16)

se estabelece a importância dos símbolos para proporcionais a multiplicidade de transmissões culturais. (Dalmáz, 2000, p. 120)

Cabe destaque as interpretações que as cruzes apresentam, por ser um símbolo representativo do cristianismo e o mais comum presente nos espaços santos, como capelas, igrejas, procissões e claro, cemitérios. Dalmáz (2000) atesta que ela representa um dos princípios mais fortes do cristianismo: a crença da morte e ressurreição de Cristo. Seu significado contempla a morte, a dor e sofrimento dessa morte, mas também indica a esperança da ressurreição: “é graças a isso, portanto, que a cruz também se torna símbolo da vida eterna.” (p.125).

No objeto central deste estudo a presença de cruzes também é majoritária, contendo atualmente 21 peças, confeccionadas de forma artesanal, com ferro genuíno e repleta de adornos, lembrando a arte gótica. São diversas as formas que esse símbolo pode ser representado, e cada um deles apresenta uma própria significação. Aqui, vale destacar a simbologia em torno dos modelos presentes no Cemitério Campo Santo.

A cruz com haste transversal, mais comum ao representar esse ornamento, trás o significado, de acordo com Dalmáz (2000) da humanidade atraída por Cristo e sua caridade. Ao ser fixada diretamente no chão, como é o caso do Campo Santo, significaria a fé fundamentada profundamente, além de remeter a esperança ao céu pelo seu direcionamento (p.125).



Imagem 1 - Fotografia de uma das cruzes que compõe o Cemitério Campo Santo dos Imigrantes, em novembro de 2019. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Se destaca ainda a “cruz de gêmeos” localizada no Campo Santo, que contém uma base para a formação de duas cruzes superiores. Segundo o parecer técnico do Cemitério, ela estaria indicando a presença de dois irmãos gêmeos, falecidos e sepultados juntos:



Imagem 2 - Fotografia da “Cruz Dupla”, presente no Cemitério Campo Santo dos Imigrantes. Conforme entrevistas, ali estão enterrados dois irmãos gêmeos, por isso a duplicidade do artefato. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Outra análise pertinente a se fazer dentro do espaço fúnebre é a questão social e econômica. Já foi visto que a morte igualitária não é verídica, com sua diferenciação desde os primeiros ritos até o local de próprio enterro. Atualmente, essa distinção do local santo e do limbo já está inativa, mas há outras formas que podem diferenciar os velados. Bellomo (2000) cita que os túmulos maiores e melhor localizados dentro daquele espaço pertencem a elite local e as sepulturas mais humildes aos menos ricos. Essa característica não compõe a via de regra o primeiro cemitério do Travessão São Martinho, mas pode ser notada na grande maioria dos cemitérios atuais.

O referido Campo Santo, por sua vez, representa a variedade social pela presença do espaço “não-sagrado”, o limbo; o espaço onde estão enterrados os mortos da Revolução de XXIII, formado hoje com cruzes de ferro que os identificam, e o diferencial no túmulo de Domenico Caldart, o único confeccionado em pedra. Conforme explicou o entrevistado

Domingos Caldart¹⁴, esse túmulo foi assim feito devido a função de tropeiro de um dos filhos do falecido. Em seu trabalho, ele precisava viajar muito e assim trazia as mais variadas mercadorias que lhe eram solicitadas. Em viagem a São Sebastião do Caí, ele trouxe sete pedaços da pedra *gres*, que foram sobrepostas a fim de formar o altar e assim identificar o sepultamento de seu pai. Durante a entrevista, Domingos destacou ainda a qualidade do monumento: “o altar lá que ele levo lá do Caí tem sete pedaços, não tem nada de cola, não tem nada, e nunca foi derrubado. [...] Todos esses temporal que deu, *anca otro dia*,¹⁵ derrubo com tudo lá mas ele não”.

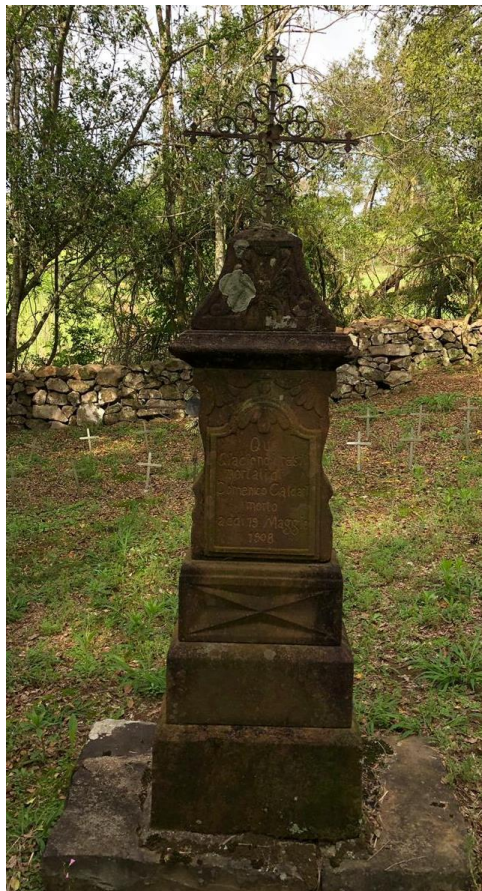


Imagem 3 - Monumento em pedra gres, o único do cemitério, tendo sido trazido de São Sebastião do Caí para o sepultamento de Domênico Caldart.

Dentre os inúmeros aspectos que podem ser analisados nos cemitérios, a especificidade deste trabalho propõe um olhar mais atento ao processo de tombamento do referido espaço. A particularidade deste ato ter sido solicitado de forma popular ao poder público e a grande dedicação dos envolvidos para que o Campo Santo fosse preservado se

¹⁴ Entrevista completa disponível no Anexo B deste trabalho.

¹⁵ “Como o outro dia” em tradução livre

destaca, principalmente ao conhecer outros processos de tombamento, com vertente quase que oposta. Para conseguir entender os motivos que levaram a comunidade a buscar essa proteção pública, bem como os auxílios e dificuldades encontradas ao longo dessa caminhada, discorreremos agora sobre o Campo Santo dos Imigrantes especificamente.

CAPÍTULO 3 - O CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

3.1.1 EMIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E POVOAMENTO DA SERRA GAÚCHA

Para compreender a origem e manutenção do Campo Santo é necessário interpretá-lo no tempo e espaço. A data provável de sua construção abrange o final do século XIX, concomitante com o povoamento da região conhecida hoje como serra gaúcha. O movimento migratório que ocorre no Brasil nesse período atinge profundamente essa localidade e define os referenciais culturais e costumes presentes até a atualidade.

O desejo do governo brasileiro de conseguir mão de obra e de branquear sua população foi ao encontro com as dificuldades que o governo italiano tinha em assessorar seus habitantes. Otobelli (2014) explica que a economia debilitada existente na Itália nos meados de 1870 se origina devido a crise europeia que a transição do modo econômico feudal para o capitalista provocou. O redirecionamento dos trabalhadores para a cidade gerou um grande número de desempregos e assim inicia a saída dos italianos para novos países (p.7).

Além da mudança no sistema econômico, De Boni e Costa (1982) elencam a forte emigração italiana do século XIX com a unificação o território, em 1870, no qual a burguesia industrial assume o papel antes ocupado pelo clero: “Afastando-se das perspectivas revolucionária-socialistas sob as quais fora sonhada após as guerras napoleônicas, (a unificação) acabou sendo apenas um remanejamento entre as forças detentoras do poder” (p.50). A produção no campo diminuiu e as cidades não conseguem abrigar a crescente população. Somado ao atraso histórico e a concorrência de produtos estrangeiros, o aumento excessivo de impostos faz com que a população mais pobre se endivida ainda mais, configurando a gritante desigualdade social. Os autores teorizam que para superar essa situação, seria necessária uma reforma de base, mas ao invés disso a emigração em grande escala surge, mantendo os privilégios da classe dominante:

Ao contrário do que se poderia supor, a emigração não significou, para as autoridades italianas e para as classes ricas, uma catástrofe. A curto prazo foi mesmo um alto negócio, pois carreou divisas, pelas mais diversas formas, e livrou o país de milhões de deserdados. Pode-se mesmo falar de uma indústria de imigração. (De Boni e Costa, 1982, p. 54)

Do outro lado do oceano Atlântico, o Brasil se caracteriza como um os países receptores das imigrações em massa de europeus e asiáticos, que conforme Fausto (2002) aqui chegavam em busca de trabalho e ascensão social. O período de maior expressão do movimento inicia em 1887, sendo os italianos os mais numerosos, 35,5% do total (p.376). É importante compreender a política brasileira vigente, que como citam De Boni e Costa (1982) pode ser determinada em três fatores: o sistema capitalista, a elite burocrática portuguesa e os grandes proprietários rurais (p.25). A preocupação com o mercado consumidor caracteriza o capitalismo e como o escravo não terá renda para ser incluso no sistema, a escravidão deveria ser abolida. Já a elite portuguesa desejava que o território saísse do status de colônia e se transformasse em país, aos moldes do que conheciam, daí o interesse na vinda de imigrantes, principalmente europeus. E os grandes latifundiários, por sua vez, ansiavam em manter o sistema monocultor, latifundiário e escravocrata. Pensando na estabilidade desse modelo, eles desejavam apenas a substituição da mão-de-obra.

O mútuo interesse na imigração entre os países resultou em diversas propagandas de incentivo. Vailatti (2011) expõe que eram fixados cartazes nas regiões da Itália com promessas de terras, sementes, ferramentas de trabalho e assistência do governo brasileiro. São inúmeros os relatos tanto historiográficos como presentes na história oral da decepção vivida por esses imigrantes. Logo nos primeiros momentos, a jornada se mostrou conturbada, devido ao longo e perigoso caminho a ser seguido. Vindos principalmente da região italiana de Vêneto, Piemonte e Lombardia, os imigrantes partem dentro de navios a vapor com excesso de passageiros e condições sanitárias precárias:

Por quase trinta dias, sem a noção exata do que encontrariam pela frente, ficavam propensos a todo o tipo de angústias. As condições nos navios eram muito difíceis. Geralmente transportavam mais pessoas do que sua capacidade natural, forçando-os a suportar más condições de alimentação higiene e hospedagem. Não foram raras as epidemias que tomaram conta de algumas embarcações, o que justifica a “quarentena” nos portos de chegada. (Vailatti, 2011, p.25)

A chegada no Brasil é também marcada com outras inúmeras dificuldades, que não estavam presentes na imagem vendida no exterior. Segundo Vailatti (2011), a realidade do “*Paese de la Cucagna*¹⁶” era de uma terra desconhecida, com costumes e língua muito distintos do que era vivido na Itália. Em muito locais, principalmente nas terras gaúchas, os

¹⁶ Recorrente referenciado através da história oral, a ideia da prosperidade e fartura que os imigrantes encontrariam no Brasil é descrita pela expressão “Paese de la Cucagna”, que em livre tradução significa “País da Bonança”.

lotes de terra ainda se encontravam inabitados, sendo o destino do imigrante passar a habitar esse território ainda inexplorado do Brasil.

3.1.2 NOVA TRENTO: FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Ao chegar na América, os navios destinados ao Rio Grande do Sul desembarcavam em São Sebastião do Caí e os imigrantes que povoariam a região da serra gaúcha seguiam, muitas vezes a pé, até o local que demarcava seus lotes. Assim, se formaram as três primeiras colônias: Dona Isabel, Cond'Eu e Caxias¹⁷. Otobelli explica que a colônia de Caxias contava com 17 léguas quadradas e na 15ª légua se desenvolveria a atual cidade de Flores da Cunha. A autora discorre sobre a realidade distinta aqui encontrada, com matas fechadas, animais selvagens, falta de estrada e assistência de qualquer origem, sendo a fé um ponto de amparo àqueles que aqui chegavam:

Já receosos devido à longa viagem, a primeira providência foi a abertura de alguma clareira e a construção de moradias provisórias. Depois, a construção de um pequeno oratório em honra a algum santo de devoção cuja imagem tivesse sido trazida por algum dos imigrantes; e o cemitério para sepultamento dos mortos, não raros naqueles tempos difíceis. A igreja e o cemitério foram o laço de união entre as famílias e o conforto para as dificuldades e a base para a formação dos centros comunitários, que fariam origem a inúmeras capelas em todo o território de Nova Trento. (Otobelli, 2014, p. 11)

A autora cita que os primeiros registros da chegada desses imigrantes datam de 1877 e que a organização da vida do imigrante foi feita conforme os moldes que estava habituado na Itália, visto o regime quase que de exílio que se encontravam. Primeiramente, formaram-se dois núcleos distintos na região, que acabaram por se unificar e configurar o distrito de Nova Trento.¹⁸

Em 1890 Caxias deixa de ser colônia e passa a ser nomeada como município, o que torna Nova Trento seu 2º distrito. A recorrente desatenção com o distrito instaura a vontade de emancipação dos nova-trentinos, que seria adquirida em 1924. A troca de favores políticos foi essencial para a efetivação do ato, conforme exemplifica Otobelli (2014). Uma comissão local

¹⁷ De acordo com Otobelli, essas áreas são hoje Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul e cidades fronteiriças, respectivamente.

¹⁸ A escolha do nome deste território foi conflituosa. Otobelli (2014) registra, tendo como fonte a oralidade, que cada habitante do local gostaria que seu nome remetesse diretamente à região italiana de sua origem, Nova Cremona e Nova Tirol foram cogitados. Sem consultar a comunidade, um dos moradores coloca uma grande placa na praça pública com os dizeres “NOVA TRENTO”. Por se tratar de um cidadão querido e respeitado pelos demais, o nome imposto acabou sendo aceito, vindo a mudar apenas em 1930.

já havia solicitado ao então presidente do estado, Borges de Medeiros, maior atenção do município mãe ao distrito; como não foram atendidos, iniciam as tratativas para a emancipação. O contexto da Revolução de 1923 acaba por ser favorável àqueles simpatizante a autonomia da localidade, visto que Borges de Medeiros necessitava de vasto apoio para vencer as eleições. Ele promete que, se reeleito, efetivaria a liberdade de Nova Trento e por isso a comissão pró-emancipação pede o apoio de todos habitantes. Embora muitos fossem contra esse ato, acabaram por aderir à causa e com esse apoio Borges foi reeleito. Em 24 de maio de 1924 Nova Trento se torna o 73º município do Rio Grande do Sul.

O anseio por maior desenvolvimento acompanhou os nova-trentinos, que na década de 30 sonhavam com uma linha ferroviária que os conectassem com Caxias do Sul. O General Flores da Cunha, presidente do Rio Grande no período, teria autorizado os estudos para essa obra, mas avisará também dos empecilhos financeiros. Buscando uma vantagem nesse processo, foi decidido pelo prefeito a alteração do nome, que agora homenagearia Flores da Cunha. Somado a isso, o contexto nacional getulista, com os ideais nacionalistas, restringia o uso de línguas que não o português, além de procurar camuflar os referenciais da cultura italiana no Brasil. A estratégia não funcionou, mas a nomenclatura foi mantida e hoje caracteriza essa cidade.¹⁹

3.1.3 TRAVESSÃO SÃO MARTINHO E SEU CEMITÉRIO

Outra importante característica que contribuiu com a estrutura dos municípios do Rio Grande do Sul foi a organização das famílias em pequenas capelas do interior. Localizado em Flores da Cunha, o Travessão Martinho exemplifica esse processo, tendo seus primeiros moradores chegados a partir 1877. A denominação escolhida expõe a fé católica, pois sua preferência é devido a forte devoção ao santo de mesmo nome, conforme afirmam Otobelli e Vailatti (2007).

A religiosidade estivera presente durante todo o processo imigratório, e não seria diferente ao aqui chegar. De Boni e Costa (1982) afirmam que a religião foi o principal fator de integração cultural na nova situação em que essa população se encontrou (p.110). O mesmo pensamento está explícito na obra de Silveira (2016), que atesta o catolicismo como

¹⁹ As informações aqui expostas estão presentes nas obras “Flores da Cunha 90 anos de emancipação política” e “1884 - 2009: 125 de colonização do Travessão Alfredo Chaves”.

crença dominante nos primeiros anos de povoamento, fato que gerou uma identificação social das famílias, que logo se uniriam e iniciaram a formação das conhecidas capelas (p.11).

Esses espaços sociais, primeiramente construídos para reza, se tornam um espaço de encontros na comunidade²⁰:

Era o lugar eleito pelos imigrantes para o desenvolvimento da vida comunitária. A capela, como centro de atração da comunidade, envolvia os moradores nas questões do trabalho, do lazer, criando uma sobreposição entre a vida comunitária e religiosa. [...] Foi ao redor da capela que as comunidades católicas se formaram. (SILVEIRA, 2016, p. 13)

A formação do Travessão Martinho seguiu esses padrões, com as primeiras famílias realizando encontros dominicais e assim se alinhando na ideia de capela comunitária. Conforme já explanado, a influência do catolicismo fez com que a construção de uma igreja fosse uma prioridade das famílias, e por consequência, um local para enterrar seus falecidos.

Vailatti e Otobelli (2007) declaram que, ainda antes de estarem estabilizados, os imigrantes tiveram que lidar com a morte e assim vão surgindo os cemitérios, muitas vezes feitos de forma improvisada, ao lado das capelas. Os sepultamentos eram no chão, abaixo de sete palmos de terra²¹, com uma cruz de madeira ou de ferro indicando o local (p.23). Outra característica dos cemitérios nesse período era a presença do limbo, que conforme as autoras era um local onde a terra não era abençoada: “Nele, sepultavam-se crianças não-batizadas e adultos suicidas, não católicos, pecadores públicos e aqueles que não contribuía com as despesas da comunidade, como foi o caso dos mortos das revoluções estaduais, a Federalista e de 1923” (p.23). Esta última com expressivo significado para o Campo Santo dos Imigrantes, a ser exposto posteriormente.

No Travessão Martinho, comunidade que está há sete quilômetros da sede do município, o local escolhido para abrigar os falecidos foi construído ainda no final do século XIX e é composto majoritariamente por tumbas subterrâneas e suas cruces artesanais de ferro. A sua descrição técnica, presente no processo de tombamento, foi realizada pela arquiteta do

²⁰ Perondi e Perondi, 1999 *apud* Silveira, 2016, p. 13

²¹ A crença de que a terra seria benta até os sete palmos determinava esse padrão, conforme afirma Lorete Paludo, anexo B deste trabalho: “os mortos são todos enterrados no chão, a sete palmos, que o significado é porque a sete palmos a terra é benta, depois de sete palmos ela não seria mais benta”

município Sayonara Guarese²², que destaca em entrevista realizada em setembro de 2019 o aspecto “sensitivo e visual” do Cemitério, que compõem as seguintes características físicas:

Foi difícil fazer a descrição arquitetônica porque ali é uma coisa mais sensível e visual. Não tem muita obra...mas analisei principalmente das estruturas das cruzes, aquele monumento em pedra gres, a taipa ao redor delimitando, o limbo, o tipo de construção. Mas é uma obra muito vernacular com as coisas que tinham por aí né. o tipo de pedra e de solda que eles tinham no momento, porque tu vê que é tudo com uns engates, muito artesanal, não tem solda né. Então era o que eles dispunham na época. Provavelmente tudo com ferro, fogo e mão e martelo [...] E o que eu acho que também tem de diferencial nesse cemitério também é a localização, porque ele tá numa clareira, no meio de um mato fechado. Então isso é uma situação meio peculiar, específica daquele lugar.

As cruzes apresentam registros em suas placas de metal e, em concomitância com os relatos presentes na oralidade da comunidade, é possível compreender que as funções do cemitério iniciaram ainda ao fim do século XIX, permanecendo ativo até meados de 1941²³, quando o Travessão Martinho inaugurou o segundo cemitério da capela. Através das cruzes que ainda estão presentes no espaço é possível identificar informações específicas dos sepultamentos, conforme segue abaixo:



Imagem 4 - Uma das 21 cruzes, com os dizeres: “*Qui giace spoglie di Sotoriva Teresa, che un morbo crudele da rapiva dal seno della famiglia il giorno 25 setenbe, del 1901, com leta di 63 anni. Il desolato marito Sotoriva Geronimo pace eterna*”. (Aqui jaz os restos mortais de Teresa Sotoriva, que foi tirada do seio de sua família por uma doença cruel, no dia 25 de setembro de 1901, com 63 anos. O desolado marido Geronimo Sotoriva. Paz Eterna)

²² Informação presente em entrevista realizada com Sayonara Guarese e Cristina Seibert Schneider, principais responsáveis técnicas do processo de tombamento, que consta no Anexo C deste trabalho.

²³ Conforme inscrição do processo de tombamento n 001, presente no Livro de Tombamento Histórico de Flores da Cunha.

Após o encerramento das atividades fúnebres, o local foi conservado quase que unicamente pela família Caldart, principalmente Domingos Caldart. Nascido e criado no terreno vizinho ao Cemitério, Domingos relembra, em entrevista realizada em maio de 2019²⁴, que chegou a presenciar um sepultamento no local. Mas a relação mais duradoura com o Campo Santo está relacionada com a manutenção que realiza no espaço desde criança. Esse carinho foi passado a toda sua família, sendo sua filha, Fátima, uma das responsáveis pelo efetivo tombamento do Cemitério. Ao ser questionada sobre seu valor, Fátima frisa a questão histórica:

E eu acho que assim, a importância é a história desse cemitério e a história da nossa própria família. Ali tem a história da nossa família, que tem muita história. E a gente sabe o que que passaram esses primeiros imigrantes aqui e eles estão enterrados lá. Então eles são os iniciadores da nossa história, nós temos que valorizar eles.

A tão citada valorização se exemplifica pelo zelo da família com local, que fez dele o único cemitério de Flores da Cunha conservado na atualidade. Por sua relevância histórica, outros cidadãos e associações, principalmente a AAMAHPR, também notaram a necessidade de estar preservando o Campo Santo. Por estar em terreno particular, cujo dona era a favor da destruição do cemitério, o grupo de pessoas interessadas nessa preservação trabalhou contra o tempo para que o espaço fosse tombado e assim garantido por lei sua permanência.

Os motivos que fazem ser necessária sua preservação para que haja a manutenção da cultura e história regional podem ser vistos a olho nu. Mas além dos traços arquitetônicos, o Campo Santo mantém certas curiosidades que o inserem ativamente na história do Rio Grande do Sul, singularizando ainda mais esse local. A seguir, descreveremos a relação do Cemitério com o conflito político e armado conhecido como Revolução de 1923.

²⁴ Entrevista completa presente no Anexo A deste trabalho.

3.2. MEMÓRIA COLETIVA - O CASO DA REVOLUÇÃO DE 23

A corriqueira situação de crise nos territórios após conflitos armados foi presenciada também no Rio Grande do Sul. No início da década de 20, o estado se recuperava das consequências econômicas deixadas pela Revolução Federalista²⁵. Conforme apresentado por Saretta e Pauletti (2007), a baixa econômica estava relacionada com a realidade nacional e europeia em um momento de crise externa e interna: “O setor da pecuária foi o mais prejudicado com o pós-guerra e mergulhou em mais um ciclo de crise, uma vez que ainda, girava em torno do charque e do couro.” (p.14).

Nesse cenário, o então governador Borges de Medeiros, no poder desde 1898, não traz alternativas de melhorias à população, que cada vez mais adere à oposição. Apesar do nítido descontentamento, Borges de Medeiros vence mais uma eleição, em 1922, o que desencadeou a revolta armada de seus opositores e assim inicia o que ficou conhecida como Revolução Libertadora de 1923. Esse confronto carregou semelhanças com a Federalista em seu contexto e ideais, além das fraudes eleitorais em favorecimento elitista (Saretta e Pauletti. 2007, p. 14). Dentre os objetivos, as autoras destacam que “era, além da deposição de Borges de Medeiros, a revisão da Constituição Estadual de 1891, que era extremamente autoritária e positivista e que permitia as reeleições consecutivas do governante” (p.16).

Em um lado do confronto estavam os chimangos, também reconhecidos como borgistas. Por óbvio, estes eram apoiadores de Borges de Medeiros e contavam com tropas mais organizadas e bem equipadas. Os maragatos, ou assisistas, identificavam o apoio à Assis Brasil e, embora contassem com menor número de integrantes, Saretta e Pauletti destacam suas disseminadas tropas, com ação em diversas regiões e táticas de guerrilhas.

Depois de 11 meses de confronto, travado majoritariamente no campo, foi firmado em acordo de paz, onde não se definiram vencedores nem vencidos:

²⁵ Na conjuntura dos descontentamentos após a Proclamação da República se sucedeu, no sul do país, a Revolução Federalista, em fevereiro de 1893. Saretta e Pauletti (2007) explicam que o objetivo geral do movimento era a retirada do poder do governador Júlio de Castilhos, em razão do excesso da centralização política e “acusavam de estabelecer e proteger um governo tirânico, déspota, adversário da igreja católica e profundamente restritivo aos direitos individuais” (p.12). O Partido Federalista mantinha a vertente a favor de um sistema parlamentarista e de revisão à constituição e acabou por ser derrotado em 1895, após sangrentas batalhas.

[...] Um acordo que beneficiasse e que viesse de encontro às aspirações. Dentre os itens do acordo estavam: cumprimento do quinto mandato de Borges de Medeiros; não haveria mais reeleição consecutiva nem para governador nem para prefeitos; haveria fiscalização de eleições; o vice-governador seria eleito e não escolhido pelo governador e a anistia. (Saretta e Pauletti. 2007, p. 17)

A característica do confronto armado por meio de matas foi explícito no ainda distrito de Nova Trento. Foram pelo menos três confrontos armados ocorridos nos limites distritais²⁶ devido a Revolução de 23. Um deles teria sido realizado nos arredores do travessão Alfredo Chaves, localidade próxima ao Cemitério Campo Santo dos Imigrantes, que no período era o único cemitério do travessão São Martinho. A oralidade permitiu a divulgação do fato que 40 combatentes desse confronto, que eram maragatos, apoiadores de Assis Brasil, foram enterrados no Campo Santo. Conforme entrevista com Plínio Mioranza, o sepultamento desses homens se deu pelo cemitério do Alfredo ser pequeno para a quantidade de mortos, mas ainda por divergências políticas:

Mas eles foram mortos lá e foram levados de carroça, de padiola, de portantina, nos cestões, até o Martinho, os 40. Pela estrada, pelo interior. Mas porque que não foram tudo pela estrada? Porque eles queriam esconder o fato. Então na verdade o cemitério do Martinho é um esconderijo dos mortos. Porque os Chimangos, que mataram os 40 Maragatos, o Governo Central não queria que houvesse mortes, né. E ele via isso com altas restrições, o governo central. Todos que morriam eles procuravam enterrar logo e esconder. Então no fundo, no fundo, eles foram colocados no Martinho pra esconder, uma razão. Porque que não foram enterrados no Alfredo? Alfredo o cemitério era muito pequeno, não cabia todos, eram 40. Outra razão: no Alfredo eram todos Chimangos!

Lorete Calza Paludo também referência esse acontecimento, que se consolidou como outra característica essencial para o tombamento do bem:

Nós temos aí três elementos muito importantes: o limbo, os revolucionários e as pessoas da comunidade. E o local dele é todo envolto em mistério, porque ele é cercado por uma taipa, os mortos são todos enterrados no chão, a sete palmos, que o significado é porque a sete palmos a terra é benta, depois de sete palmos ela não seria mais benta. [...] Outra característica importante desse cemitério, são os revolucionários ali de 23, nós tivemos aqui no Rio Grande do Sul, que na verdade ela é uma continuidade lá da revolução federalista, e nós tivemos aqui no RS, um momento assim, de uma disputa política bem importante né?! [...]E essa revolução, por incrível que pareça, ela chega em Flores da Cunha. E ali, perto do Travessão Martinho, mais precisamente ali no Alfredo Chaves, passava a estrada principal, e acontece um confronto e nesse confronto quarenta pessoas morrem, que não sabiam quem eram, pelas características achavam que eram negros, podiam ser lá dos campos da serra, região de Vacaria e tal, e não sabiam se eram batizados, não sabiam quem eram. Então essas pessoas ficaram expostas por três dias ali na estrada e não foram enterradas no Alfredo Chaves, até por questões políticas né?! Aí então o cemitério de

²⁶ A monografia de Saretta e Pauletti, apresentada em 2007, retrata os conflitos ocorridos no distrito de Nova Trento pelas revoltas de 1893 e 1923. Na tese, as autoras explicam que a falta de documentação oficial desses confrontos foi causada por um incêndio na casa do intendente municipal e que isso contribuiu para a “desmemória” da população acerca desse fato.

São Martinho é que vai acolher esses revolucionários. Então, como não havia espaço para quarenta pessoas no limbo, e não podiam ser enterradas na parte santa, eles vão enterrar esses mortos entre o limbo e a parte benta.

Os revolucionários que lá foram enterrados teriam vindo da região de Juá, Vila Seca, Vila Oliva, Mulada e Criúva²⁷ e acabaram ficando conhecidos como “*negri*” dentro da comunidade. Em entrevista com Domingos Caldart, ele informa que conheceu essa narrativa durante um velório no Campo Santo, no qual seu pai apontou para o lugar onde eles estão enterrados, dizendo: “lá tem os 40 negros”. A palavra “*Negri*” não estava relacionada especificamente com a etnia desses guerrilheiros, mas sim a forma como o imigrante italiano chamava os nativos brasileiros, conforme explica Mioranza: “*Negri* pro italiano é de origem brasileira, nem italiano nem alemão, então, *tutti negri*, isso era morenos, eram peões de estância na verdade”.

Apesar de não haver registros oficiais sobre esses sepultamentos, o relato se confirma também com a memória de Mioranza, pois sua tia teria sido uma das crianças que, na ocasião dos enterros, foi até o local averiguar. Ela lhe contou que os corpos foram carregados até o cemitério e que apesar dos avisos da forte cena que lhes aguardavam, o grupo de meninas, que tinham entre 7 e 10 anos, seguiu. A imagem as abalou tanto que teriam ficado três dias e três noites sem dormir nem comer. O pesquisador conta que a cena foi de total brutalidade, pois as batalhas da Revolução de 23 tinham a característica de tentar esconder suas mortes:

Porque ali, os chimangos pra esconder os corpos, vo te da um detalhe. Em cada batalha morria cavalos também de fuzil. Então o cavalo morria, abria o cavalo e escondia o cadáver dentro. Tirava a buçada dele e enfiava o cadáver dentro, pra esconder. Isso é, a brutalidade deles, que tinha pra todo lado não vai pensar que não. Dos dois lados, tanto maragato como chimango. Lá pra selvageria não distinguia lado, era tudo igual.

Mesmo sem ter relação direto com os velados, a comunidade do travessão São Martinho insere cruzeiros de madeira para identificá-los. Após a deterioração pelos agentes do tempo elas acabaram se perdendo e foram recolocadas por Mioranza e Domingos Caldart em meados de 2005, dessa vez confeccionadas em ferro:

²⁷ Conforme informações obtidas em entrevista com Plínio Mioranza, pesquisador e escritor acerca do tema, disponível no Anexo D deste trabalho.



Imagem 4 - Local onde estão sepultados os 40 combatentes da Revolução de 1923, com cruzes em ferro confeccionadas por Plínio Mioranza e Domingos Caldart em meados de 2005. Acervo pessoal/Bianca Mascarello Giotti

Essa singularidade compôs mais um argumento para que o Campo Santo fosse tombado. Em seu processo, são anexadas algumas matérias na imprensa local sobre a necrópole, que permitem uma aproximação entre a população florense e o Cemitério. Cabe destaque as edições do jornal “O Florense” de maio de 2015, que comemoraram os 140 de imigração italiana na região. A matéria de capa na primeira edição dessa série, datada em 8 de maio de 2015, destaca a ação de Domingos Caldart na preservação do local e em seu corpo há referência direta às 40 cruzes posteriormente inseridas. Com o título “Um Capítulo à Parte”, o editorial traz entrevista com a historiadora Gissely Vailatti, que ressalta a solidariedade do Martinho, pois a comunidade recebe os mortos sem saber sua religião nem origem.

Os traços até aqui apresentados integram algumas respostas para o porquê preservar o Campo Santo. Nessa vertente, já compreendemos a singularidade deste cemitério ao compará-lo com outros centros fúnebres devido seus atributos arquitetônicos e sua relação com a história da imigração italiana e do Rio Grande do Sul. Passaremos agora a analisar o espaço no viés atual, bem como conhecer o processo burocrático que permitiu seu tombamento e quais as utilizações futuras do local.

3.3. CAMPO SANTO DOS IMIGRANTES NA CONTEMPORANEIDADE

3.3.1. RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E O PROCESSO DE TOMBAMENTO

Conforme já exposto, outra distinção do Cemitério foi a busca do tombamento pela sociedade, principalmente através da família Cadart, com o apoio da AAMAHPR. Por mais de 50 anos, Domingos Caldart zelou pelo local, mantendo-o limpo e evitando que ele fosse destruído. Em entrevista realizada em maio, exposta em sua integridade no Anexo A deste trabalho, ele relembra o momento em que percebeu a necessidade de manter o Campo Santo:

Lora, eu fui *estudiar*, no La Salle o convento dos Lassalista, seminarista. Fiquei lá dois, três anos, então eu vim pra casa. A gente não ia no cemiteriozinho e ficou potreiro lá. E um dia eu tinha 18, 20 anos acho, e eu disse acho que esse cemitério tenho que segurar ele né, por causa do túmulo do meu nono, que tinha lá. E aí comecei eu, a cuidar, como nossa casa é aqui eu ia lá a cada mês, fazer a limpeza e tal e tal, até que deu certo pra tomba.

Na mesma oportunidade, Domingos e sua filha, Fátima, recordam casos em que por muito pouco o cemitério não foi perdido, como a remoção das cruzes para uso em ferraduras e a utilização do espaço como potreiro por um dos vizinhos. Conforme Fátima:

Aí o vizinho, tinha um senhor alí que derrubou uma parte da taipa para que a vaquinha pudesse entrar e comer o pasto. Ele achava que tava fazendo uma coisa boa porque ai a vaca ia come o pasto, deixava mais limpinho e dava menos trabalho pro pai. Então uma parte da taipa que ta derrubada foi derrubada para entrar as vacas para pastar dentro do cemitério. E o que que ele fazia também, ele pegava, ele tinha cavalo, ele trabalhava com os cavalos para puxar carroça, ai ele pegava as cruzes para fazer ferradura pros cavalo com o ferro. Que é um ferro genuinamente puro.

Devido esse interesse no material muitas cruzes acabaram se perdendo. Domingos afirma recordar a existência de mais de 70 cruzes e atualmente são 21 artefatos que permanecem no ambiente. A família citou ainda uma ocasião em que o Cemitério foi extinguido, conforme diálogo:

Fátima: Dai um outro morador daqui pego um dia e resolveu encerrar o cemitério
Domingos: Ma eu não tava, eu tava na estrada viajando esse dia. E *lora* eles levaram embora todas as cruzes aqui do cemitério. Eu peguei o trator, tinha um tratorzinho, fui lá no outro cemitério, achei o monte e carreguei e levei tudo de volta aqui, sem pedi pra ninguém.

Fátima: E ele sabia onde é que era o lugar né, ele pego e planto tudo de volta.

Bianca: E isso mais ou menos em que ano que foi?

Domingos: Mais ou menos foi no ano 60, por ai

Fátima: Foi mais uma tentativa de destruir, no ano 60. E o seu Domingos segura mais uma vez!

Neste trecho, fica subentendido que o ato foi executado devido à ausência de Domingos, o que demonstra o respeito da vizinhança para com ele. Apesar disso, a comunidade na qual o espaço está inserido não demonstrou o apoio para o efetivo tombamento do bem, o que se tornou mais uma dificuldade no processo. O maior empecilho, entretanto, foi a verdadeira corrida contra o tempo que os interessados no tombamento enfrentaram.

O terreno em que o Cemitério está construído era uma propriedade particular, na qual seus proprietários tramitavam venda desde meados de 2015, segundo informações presente nas entrevistas. A presença das cruzes dificultava a comercialização e por isso a destruição total do Cemitério era buscada pelos donos. Em contrapartida, a família Caldart e a AAMAHPR buscavam formas de impedir a ação, solicitando o tombamento à Prefeitura e outros apoios. E assim o grupo interessado contatou com a direção da capela do Travessão São Martinho, que negou qualquer tipo de amparo. Com pesar, Fátima recorda que os primeiros trâmites foram feitos com o conselho da Capela, “tentamos ver se a comunidade abraçava o ponto turístico né, [...] mas aí eles acharam que não. [...] Eles foram lá no prefeito pra dizer que eles estavam fora, que eles não tinham interesse nenhum no cemitério”.

Sem essa assistência, o grupo busca outras formas de comprovar a necessidade de manter o cemitério: em abaixo-assinado, elaborado na Festa da Família Caldart realizada em 2015, foram juntadas aproximadamente 400 assinaturas em apoio à causa; além da busca pela Diocese de Caxias do Sul e a própria AAMAHPR, que elaboram um parecer caracterizando a importância histórica e arquitetônica do local. A prefeitura também foi acionada, mas o tombamento municipal só poderia ser feito após a criação do Conselho de Cultura, conforme previsto na legislação vigente, fato que tardaria a ação pública. Com isso, a comitiva tenta, na justiça, impedir a demolição, mas sem sucesso. Com a autorização para a demolição nas mãos da proprietária, a única esperança para preservação do cemitério seria a compra do terreno, e foi isso que Fátima conseguiu.

Ela conta ter implorado para que a família Venturini, com descendentes também sepultados no Campo Santo, fizesse a compra do terreno. Para isso, ela prometeu, sem nenhuma certeza, que a prefeitura faria o tombamento e assim comprariam novamente a terra. A compra foi efetivada e após alguns meses, o prefeito municipal decreta o tombamento daquele espaço.

Lorete Paludo, atual diretora do Conselho de Cultura também explana sobre essas fases durante a entrevista realizada em maio, presente de forma integral no Anexo B deste trabalho. Ela relembra que a ideia inicial era da prefeitura estar adquirindo o terreno, mas que são diversos os empecilhos encontrados, e a ação precisava ser resolvida o quanto antes “Então, nós tivemos a sorte ali dos Venturini, eles compraram eles esse terreno, porque eles também queriam preservar ali né, e aí então começaram as tratativas com a Prefeitura, com o Prefeito Lídio e chegaram a um acordo e por isso que todo o tombamento aconteceu”.

Em Flores da Cunha, a legislação vigente sobre a proteção de bens patrimoniais é de março de 1986 e dispõe sobre as regras que devem ser seguidas para efetivar o tombamento, bem como os efeitos do ato. As servidoras públicas responsáveis por esse trâmite explicaram como ele foi realizado no município em entrevista realizada em setembro, disponível integralmente no Anexo C deste trabalho. Conforme Cristina Schneider e Sayonara Guarese existe a possibilidade do tombamento nos núcleos municipais, estaduais e nacionais e que “A legislação é bem clara né, então assim quem faz o tombamento tem que ter a responsabilidade da sua preservação”.

Todas essas ações foram recompensadas em 11 de Agosto de 2018, data de assinatura do decreto de tombamento do referido patrimônio histórico municipal, o primeiro de Flores da Cunha. O ato foi significativo, ocorrendo durante a edição da *Noite de Ciàcole*, um evento anual organizado pela AAMAHPR que tem por objetivo resgatar os costumes dos imigrantes italianos²⁸. O alívio de ter o processo finalizado faz com que Fátima comemore, conforme exposto na entrevista completa presente no anexo A deste trabalho: “São duas grandes vitórias. A primeira é que nós salvamos a nossa memória, a história da nossa família. Outra é a nossa alegria de ter dado um repouso *praqueles* imigrantes, que eles merecem descansar”.

Estranhou-se o primeiro ato de tombamento ser promovido mais de 30 anos após a publicação da lei correspondente. Ao serem perguntados sobre esse fato, os entrevistados foram unânimes ao justificar a pausa devido à situação econômica, além da necessidade de formação do Conselho Municipal de Cultura. Lorete exemplifica: “Depois que tu tomba, tem que fazer toda a... Tu não pode reformar, não pode refazer, tu tem que restaurar. E o restauro é, ele é muito mais complicado, muito mais difícil né, financeiramente”.

²⁸ Informações obtidas na matéria *Flores ganha seu primeiro bem histórico*, presente no Jornal O Florense em 18 Ago. 2018.

E o restauro do Campo Santo foi pensado na sequência de seu tombamento. A área específica do Cemitério, por ser formada unicamente pelas cruzes de ferro e o momento em pedra, não comporta essa ação, mas seus arredores sim. A taipa formada unicamente por pedras, que delimita o local, foi danificada há anos pela vizinhança, conforme já explanado. Durante o registo oral, presente de forma integral no anexo C deste trabalho, Cristina pontua as próximas ações:

Então o que que nós temos: nós já fizemos a consolidação da taipa de pedra, então nós contratamos um mestre tapeiro, que é alguém que domina a técnica de empilhar, de cortar essas pedras. Então refizemos toda a taipa de pedra, que é característica daquele cemitério. Fizemos toda a limpeza do entorno, tá, e agora montamos o projeto onde prevê estacionamento, a acessibilidade e a placa de identificação. A placa de identificação também já está, o desenho dela já está pronto também, só falta agora a parte de produção efetivamente para colocar essa placa.

Essas ações foram desenvolvidas em concomitância à esta pesquisa e já foi possível identificar impactos em decorrência à essa preservação. Em 7 de setembro deste ano foi realizado na Comunidade do Travessão São Martinho a festa da Família Detoffoli. A ocasião foi marcada pela visita ao Campo Santo, onde os descendentes desses imigrantes ali sepultados puderam conhecer o local e conhecer sua história. Fátima Caldart Galiotto foi mediadora do encontro, que contou também com a homenagem, conforme imagens por ela cedidas:



Imagem 5: Colocação de flores formando a palavra “Gracie”, em homenagem aos sepultados no Cemitério, em 7 de setembro de 2019. Fonte: Acervo pessoal/Fatima Caldart Galiotto



Imagem 6: Panorâmica do visita ao Campo Santo com a homenagem exposta, em 7 de setembro de 2019. Fonte: Acervo pessoal/Fatima Caldart Galiotto

O momento serviu ainda de divulgação do espaço, visto que, conforme explicado por Fátima, a grande maioria dos presentes não residem na região e sequer conheciam a existência do Cemitério. A difusão do local para visitação, com caráter de promover o vínculo familiar ou apenas conhecimento histórico e turístico compõe os planos de uso do espaço, a ser exposto a seguir.

3.3.2. PROJEÇÕES FUTURAS

O ato de tombamento gerou a segurança de que o Campo Santo não será destruído, podendo servir de local de memória histórica para a atual e futura geração. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário promover a significação do espaço, conforme já exposto, e o diálogo entre o turismo e a história pode ser um viés para obter isso.

O desejo de tornar o Cemitério um referencial turístico foi explanado na maioria das entrevistas realizadas. Lorete, conforme presente no Anexo B, afirma que o espaço já mantém um bom nível de visitas, mas que seu acesso precisa ser facilitado:

O objetivo do restauro é de tornar um local mais acessível assim, pois não temos estacionamento né, tem a estrada que liga, a estrada principal que passa, aí tu entra, uns 50 metros tu chega ao cemitério, não temos uma indicação [...] Depois de feita toda essa parte, toda estrutura né, aí então ele vai integrar os pontos turísticos de Flores da Cunha. As pessoas se interessam, até porque tem todo um mistério que envolve o cemitério né; e ele é totalmente diferente né, porque todos os cemitérios tinha o limbo, a maioria tinha cruzes de ferro.

Conforme exposto, o Cemitério se localiza dentro do terreno, em meio às árvores, sem visão pela estrada, daí a necessidade de uma indicação. Domingos Caldart fez a colocação de uma cruz de metal afim de facilitar o encontro do local:



Imagem 7: Cruz de metal colocada na beira de estrada por Domingos Caldart, que indica o local do Campo Santo. Acervo Pessoal/Bianca Mascarello Giotti

No projeto de restauro havia o planejamento da inserção de uma placa informativa sobre o bem. Durante o desenvolver dessa pesquisa essa placa foi colocada, caracterizando o nicho turístico e proporcionando informações e contextualização do Campo Santo:



Imagem 8: Placa informativa, desenvolvida pela Prefeitura Municipal. Acervo Pessoal/Bianca Mascarello Giotti

O viés turístico que os espaços patrimoniais de memória são inseridos são comuns, conforme visto em outros bens tombados. A utilização dos locais fúnebres para essa finalidade também existe em muitos cemitérios tombados e, no Brasil, as iniciativas turísticas começam a ser pensadas na década de 90, conforme explana Castro (2008):

Alguns cemitérios por sua relevância e pioneirismo nas ações de preservação e divulgação da importância de manutenção do patrimônio funerário são fundamentais para a reflexão sobre a sua inclusão como bens culturais na cidade e serão aqui apresentados, principalmente, por oferecerem diferentes possibilidades para a preservação cemiterial. Tal como outros pontos turísticos, alguns cemitérios são administrados por órgãos de cultura e de turismo e são destaques em suas cidades. (CASTRO, 2008, p. 96)

Nas abordagens, geralmente é pensada a inclusão dos cemitérios em roteiros e visitas guiadas. Como exemplo, a autora destaca o Cemitério da Consolação, em Belo Horizonte, que foi um dos pioneiros a dispor visitas com acompanhamento de guias (p. 95).

As características únicas do Campo Santo comportam investimento e divulgação turística, podendo ser anexado em futuros roteiros. Durante entrevista realizada com Domingos e Fátima foi nítido o agrado que essa ideia trás. No terreno da casa de Domingos foi desenvolvido um museu familiar, com artefatos por eles preservados. Conforme explicou Fátima, a ideia é de estar promovendo um novo roteiro turístico, que abranja o Cemitério, o museu e demais espaços que referenciam a cultura imigrante italiana.

Mais do que assegurar a permanência do espaço, o grupo envolvido no processo de tombamento e o poder público mantém o interesse em fomentar as visitas para assim promover a cultura e a manutenção histórica do povoamento da região. Mioranza, em entrevista presente no Anexo D deste trabalho, insere essa mesma ideia ao citar que “história não se destrói, ou ela permanece aqui na cabeça, ou nos monumentos ou nos lugares”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O findar desta pesquisa retoma aos anseios que orientaram em primeiro momento a sua realização, tendo como proposta geral analisar as motivações que fizeram com que o local fosse mantido e a busca por sua proteção efetiva via o processo de tombamento. O desejo de preservar devido à relação familiar direta é nítido neste caso. O amparo que família Caldart encontrou com a AAMAHPR e a administração pública demonstra o valor histórico e cultural do Campo Santo para a comunidade florense.

A necessidade de enxergar a história em espaços não tão convencionais proporciona uma diferente leitura, principalmente quando se analisa necrópoles. Ainda ao buscar a contextualização dos conceitos de memória e patrimônio, compreendemos a importância de estar preservando espaços como esse. Estritamente relacionado com a identificação cultural de uma comunidade, o pensar em patrimônio como meio de preservar a memória nos reafirma a necessidade de existir legislação vigente para que isso ocorra. Outro ponto que pôde ser destacado na função do patrimônio é a permanência daquilo que já não faz parte da sociedade atual, permitindo conhecimento e análise do que já existiu.

A escolha do que será ou não preservado está relacionada com esses princípios e com a noção de valor para com o bem, que podem apresentar viés etnográfico, artístico, histórico e paisagístico. Esse valor é mutável, conforme tempo, espaço e sociedade. No Campo Santo, vemos a significação do local muito relacionada com o enaltecimento da imigração italiana presente na cultura regional. Sem dúvidas, o processo de identidade da comunidade São Martinho, e do município de Flores da Cunha, tem relação direta com a memória e história desses imigrantes.

Já o olhar para o cemitério além da ótica relacionada à religiosidade permite conhecer diversos pontos da sociedade na qual ele está inserido: a memória da família e da comunidade, a etnicidade, ideologia política, diferenças econômicas e toda a simbologia utilizada. Ao conhecer essa diferente visão, pudemos compreender que o espaço da necrópole não tem somente a função religiosa, mas sim pode se tornar um campo de pesquisa no meio acadêmico, principalmente nas humanidades.

Ao conhecer as histórias que cercam o Campo Santo compreendemos a necessidade de protegê-lo além da relação com a imigração italiana, mas também pelo seu vínculo com a

Revolução de 23, contextualizando a história do Rio Grande do Sul. Apesar de todo o exposto, pudemos ver também a desvalorização que alguns personagens envolvidos no espaço tiveram, o que também pode ser objeto de reflexão. De acordo com o que foi dito nas entrevistas, a dona do terreno não tinha parentesco direto com os ali sepultados e dessa forma não via motivos para conservação do cemitério. Do mesmo modo, a administração da Capela São Martinho se absteve da luta pelo tombamento. Esses fatos demonstram a falta de conhecimento da importância social, cultural e claro, histórica que o espaço contempla. Fica a perspectiva de que agora, com a comprovação pública e oficial da necessidade de manter esse local, essa mentalidade seja modificada.

A singularidade do processo de tombamento analisado neste trabalho foi a busca do ato por um grupo de interessados, e não uma imposição pública, que caracteriza tantos outros bens tombados. Dessa forma, a tomada de consciência da importância da preservação já existia nesse núcleo, fato que proporcionará ao Campo Santo a utilização como referência na identificação cultural e histórica regional.

FONTES DE PESQUISA

Processo de Tombamento do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes

Inscrição nº 001 no Livro tombo Histórico de Flores da Cunha - Apresenta breve histórico do local, com descrições gerais de localização e características.

Decreto Executivo nº 5.538, de 08 de Agosto de 2018 de Flores da Cunha - Homologa o tombamento do conjunto histórico e cultural denominado de “Campo Santo dos Imigrantes”.

Decreto Executivo nº 5.537, de 07 de Agosto de 2018 de Flores da Cunha - Desapropria o imóvel específico objetificando a preservação e conservação de monumento histórico e cultural.

Ofício de Registro de Imóveis de Flores da Cunha, livro 2, matrícula 4029, de 27 de junho de 1986 - Especificações técnicas e de localização do terreno no qual o cemitério está inserido

Parecer Técnico de Avaliação Mercadológica, emitido pela Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Trânsito - Avalia o imóvel, com sua origem e área e define medida dela e seu valor financeiro.

Parecer em Relação ao Cemitério Antigo da Capela São Martinho, Travessão Martins, emitido pela AAMAHPR - Justifica, através de breve histórico, a utilização do cemitério.

Parecer Técnico da Comissão Diocesana de Arquitetura e Arte Sacra da Diocese de Caxias do Sul - Historiciza o espaço e utilizada imagens variadas para defini-lo como patrimônio cultural

Lei Municipal nº 1061/1986 - Regue sobre o tombamento de bens patrimoniais de Flores da Cunha

Edições Jornal “O Florense”

SPULDARO, Mirian. Uma relíquia construída pelos imigrantes. **Jornal O Florense**. Flores da Cunha, ano 29, nº 1366, 8 Mai. 2015. Caderno Especial, p. 9.

_____, “Note de Ciàcole” marcará tombamento de cemitério histórico. **Jornal O Florense**. Flores da Cunha, ano 32, nº 1533, 10 Ago. 2018. Caderno de Sábado, p.9.

_____, Flores ganha seu primeiro bem histórico. **Jornal O Florense**, Flores da Cunha, ano 32, n. 1544, 18 Ago. 2018. Caderno de Sábado, p. 11.

Atas de Reunião da Associação dos Amigos do Museu Pedro Rossi de Flores da Cunha

Ata nº 01/2015, de 13 de Março de 2015

Ata nº 02/2015, de 09 de Abril de 2015

Ata nº 04/2015, de 11 de Junho de 2015
Ata nº 06/2015, de 13 de Agosto de 2015
Ata nº 02/2016, de 21 de Março de 2016
Ata nº 03/2016, de 05 de Maio de 2016
Ata nº 09/2017, de 12 de Julho de 2017
Ata nº 10/2017, de 16 de Agosto de 2017
Ata nº 13/2017, de 16 de Novembro de 2017
Ata nº 02/2018, de 27 de Março de 2018
Ata nº 03/2018, de 24 de Abril de 2018
Ata nº 04/2018, de 19 de Junho de 2018
Ata nº 05/2018, de 10 de Julho de 2018
Ata nº 07/2018, de 05 de Setembro de 2018
Ata nº 08/2018, de 13 de Novembro de 2018

Entrevistas

Todas as entrevistas utilizadas neste trabalho estão transcritas de forma integral nos anexos deste trabalho. Os arquivos originais, no formato mp3, estão em posse de Bianca e ficam à disposição para eventual solicitação.

Entrevista realizada com Domingos Caldart e Fatima Caldart Galioto, em 18 de maio de 2019.

Domingos Caldart: Morador do Travessão Martinho, cresceu ao lado do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes e é neto de um dos enterrados no local. Por isso, vem fazendo a manutenção e limpeza do espaço nos últimos anos.

Fátima Caldart Galiotto: Filha de Domingos Caldart, também atua na manutenção do espaço e foi uma das principais agentes para o tombamento municipal. Membro do AAMAHPR, conseguiu apoio da entidade e buscou apoio do poder público.

Entrevista realizada com Lorete Calza Paludo, em 9 de maio de 2019. - Historiadora, ex-presidente da AAMAHPR e atual presidente do Conselho de Cultura, esteve presente nos trâmites para o tombamento.

Entrevista realizada com Plínio Mioranza, em 01 de Novembro de 2019 - Livre pesquisador da história de Flores da Cunha e responsável pela colocação de 40 cruzeiros modernos no local onde foram enterrados os revolucionários do conflito de 1923.

Entrevista realizada com Cristina Scheider e Sayonara Guaresse em 19 de Setembro de 2019 - Servidoras públicas com conhecimento técnico e jurídico sobre a efetivação do tombamento e que auxiliaram na inscrição do Cemitério no Livro Tombo Municipal.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

ALBERTI, Verena. História oral na Alemanha: semelhanças e dessemelhanças na constituição de um mesmo campo. Caxambu, MG, 1996. Acesso em: 30.06.2018. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt11-4/5400-valberti-historia-oral/file>>

BARROS, José D'Assunção. Teoria da História: A Escola dos Annales e a Nova História. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

BELLOMO, Harry Rodrigues. A Arte Funerária. In: BELLOMO, Harry Rodrigues. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000

BUCHEBUAN, Terezinha de Oliveira. Os velhos Casarões de Antônio Prado: Processos Culturais, Patrimônio e Conflito. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Religiosidade). UCS, Caxias do Sul, 2010.

CASTRO, Elisiana Trilha. Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-CIDADE, UFSC, Florianópolis/SC)

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000 CA

DIEHL, Astor Antônio. Cultura historiográfica: memória, identidade e representação. Bauru, SP. EDUSC, 2002.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST: Ed. UCS, 1982.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005

DREHER, Martin N. Imigração e religião no Rio Grande do Sul do século XIX. In: GIRON, Lorain Slomp; RADÜNZ, Roberto. Imigração e Cultura. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.191-204.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 7ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. Memória e Patrimônio - Ensaio contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-29.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Reflexões acerca do conceito “Patrimônio”. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. Org. Momento Patrimônio. Volume IV - Erechim/RS: Graffoluz, 2015.

LE GOFF, Jacques, História e memória, 1924/tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Ironita Policarpo Machado. Educação Patrimonial. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. Org. Momento Patrimônio. Volume IV -Erechim/RS: Graffoluz, 2015

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEIRO, Katani Maria; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). Vozes de Vila Seca. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2015

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. São Paulo, 1993. Revista Projeto História. Vol. 10, dez. 1993.

OTOBELLI, Danúbia. Flores da Cunha 90 anos de emancipação política 1924 - 2014 - Flores da Cunha, 2014

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Ferramentas de Trabalho do Historiador. In: PETERSEN, Silva Regina Ferraz; Introdução ao estudo da História: temas e textos. Porto Alegre, 2013.

SARETTA, Carla Maris. PAULETTI, Camila Stuani. Reflexos das Revoluções de 1893 e 1923 no distrito de Nova Trento. Monografia - Universidade de Caxias do Sul, 2001

SILVEIRA, Marlei Machado da. Verso e Reverso: Igreja, Moral e Imigrantes. Flores da Cunha: Coleção Talentos, 2016.

TEDESCO, João Carlos. Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004

TIMPANARO, Mirtes. A morte como memória: Imigrantes no Cemitério da Consolação e do Brás. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

VAILATTI, Gissely Lovato. 1884 - 2009: 125 anos de colonização do Travessão Alfredo Chaves. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2011.

VAILATTI, Gissely Lovato; OTOBELLI, Danúbia. Benedictus: os cemitérios de Flores a Cunha: arte, história e ideologia. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

ZANIN, Frinéia. Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul - A atribuição de valores a uma memória coletiva edificada para o Estado. Dissertação de Mestrado - UFRGS, 2006

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. Org. Momento Patrimônio. Volume IV - Erechim/RS: Graffoluz, 2015.

ANEXO A

**Entrevista realizada por Bianca com Fátima Caldart Galioto, Domingos Caldart e
Giacomina Caldart no dia 18 de maio de 2019**

Justificativa da escolha dos entrevistados:

Domingos Caldart: Morador do Travessão Martinho, cresceu ao lado do Cemitério Campo Santo dos Imigrantes e é neto de um dos enterrados no local. Por isso, vem fazendo a manutenção e limpeza do espaço nos últimos anos.

Giacomina Caldart: Esposa de Domingos, acompanhou a manutenção do espaço e tem sua avó enterrada nele.

Fátima Caldart Galiotto: Filha de Domingos Caldart, também atua na manutenção do espaço e foi uma das principais agentes para o tombamento municipal. Membro do AAMAHPR, conseguiu apoio da entidade e buscou apoio do poder público.

*Os espaços separados por colchetes são referentes a assuntos falados que não são pertinentes ao trabalho

Bianca: Primeira questão que eu queria que vocês falassem um pouquinho é sobre a importância que o Cemitério tem pra vocês, pra comunidade...

Domingos: Pra nós, pra mim é que tem meu avô, *tutti di la, mi nonno*²⁹, e porque é um cemitério, são gente também. E depois tem o monumento, muito bonito e tal, vai se uma coisa bonita lá

Fátima: E eu acho que assim, a importância é a história desse cemitério e a história da nossa própria família. Ali tem a história da nossa família que tem muita história. E a gente sabe o que que passaram esses primeiros imigrantes aqui e eles estão enterrados lá. Então eles são os iniciadores da nossa história, então nós temos que valorizar eles.

Domingos: E também eu me recordo da bisnona dela (aponta para esposa) que também deve tá enterrado lá

Giacomina: Mas eu me lembro que eu era pequeninha e a minha nona tinha 7 filhos [...]

Fátima: É e meu pai diz que a bisa dela foi a última a ser enterrada ali. E ela era imigrante, a Luiggia Sabedot. Era o Nicolau Detofoli e a Luiggia Sabedot [...]

Bianca: E vocês tem lembranças assim de quando ainda estava sendo utilizado o Cemitério, algum velório, algum enterro?

Domingos: Do Cemitério?

Fátima: O que que tu tem lembra de enterros lá?

Domingos: Ahh enterros lá só o daquela lá

Fátima: Só o da Luiggia Sabedot

Domingos: Ma lá tinha... O mês de novembro, dia dos mortos, era todo mundo que trabalhava, ajeitava lá, porque tinha muita gente morta lá

²⁹ “Todos de lá, meu avô”, em tradução livre

Fátima: Tinha mais de 80 cruces

Domingos: E depois, lá pelas tantas foi abandonado esse *coso*³⁰.

Bianca: Que foi mais ou menos quando fizeram o outro cemitério da comunidade que abandonaram lá?

Domingos: Foi abandonado mais ou menos no ano de 45.

Fátima: Não porque, depois daquele cemitério, foi feito um aqui onde era a fábrica Bonanza. E aí quando foi feito o novo, esse aqui ele foi abandonado! E todo mundo se voltou pro terceiro cemitério da comunidade. Que o primeiro foi bem lá no fundo na terra nos Panizzon, não, o segundo foi lá. O primeiro aqui, o segundo lá na terra dos Panizzon, o terceiro foi aqui perto da firma Bonanza e o quarto é o atual. Então foi quando que começam a botar os mortos lá. Aqui a última foi a Luiggia Zabedot [...]

Domingos: *Lora*³¹, eu fui estudar, no La Salle o convento dos Lassalista, seminarista. Fiquei lá dois, três anos, então eu vim pra casa. A gente não ia no cemiteriozinho e ficou potreiro lá. E um dia eu tinha 18, 20 anos acho, e eu disse acho que esse cemitério tenho que segurar ele né, por causa do túmulo do meu *nonno*, que tinha lá. E aí comecei eu, a cuidar, como nossa casa é aqui eu ia lá a cada mês, fazer a limpeza e tal e tal, até que deu certo pra tomba.

Fátima:(com o livro *Benedictus*) Olha aqui pai, a Luiggia Sabedot ela morreu em 1938. Tu tinha oito anos. Porque depois o Luis Panizzon, o Domenico Caldart foram enterrados ainda?

Domingos: Lá em cima

Fátima: Ah tá. Então olha deve ter sido a última essa aqui, mês 10 de 1938. Esses aqui pra baixo tudo foram lá pra cima [...] Quando foi feito o terceiro cemitério aqui, mais pra perto da firma Panizzon, esse foi abandonado. E tu (Domingos) foi estudar no La Salle, quando tu voltou, tu começo a te lembra que lá tinha o avô e tal e ele começou a cuidar por conta.

Giacomina: Mas eu me lembro depois de casada nós fazia o montinho, lá, todo mundo.

Fátima: Na véspera do Dia dos Mortos, toda a comunidade se reunia e fazia a roçada, depois eles faziam todas as covinhas.

Bianca: hmm, deixava tudo arrumadinho

Giacomina: Depois um não vinha mais ajuda, outro não vinha mais, outro não vinha mais, o Domingos pegou o trator foi lá e fez tudo plaino

Fátima: Mas o tempo que também fez plaino.

Domingos: Ma o tempo, o tempo eu acho que não foi perdido pra cuidar daquilo lá.

Bianca: Não, com certeza não.

Fátima: E assim, ele foi cuidando. Alí, o vizinho, tinha um senhor alí que derrubou uma parte da taipa pra que a vaquinha pudesse entrar e comesse o pasto. Ele achava que tava fazendo uma coisa boa porque aí a vaca ia come o pasto, deixava mais limpinho e dava menos trabalho pro pai. Então uma parte da taipa que ta derrubada foi derrubada pra entrar as vacas pra pasta dentro do cemitério. E o que que ele fazia também, ele pegava, ele tinha cavalo, ele trabalhava com os cavalo pra puxar carroça. Aí ele pegava as cruz pra fazer ferradura pros cavalo com o ferro. Que é um ferro genuinamente puro.

³⁰ “Essa coisa” em tradução livre.

³¹ “Então”, em tradução livre.

Domingos: Tinha 70 cruzes, agora tem ainda parece 17 ou 27.

Bianca: É 21

Domingos: E tem umas ainda com todas as inscrições

Fátima: Ma tinha muitas. E a cruz da Luiggia e da Giacomina também tinha e já não tem mais. Daí um outro morador daqui pego um dia e resolveu encerrar o cemitério

Domingos: Ma eu não tava, eu tava na estrada viajando esse dia. E *lora* eles levaram embora todas as cruzes aqui do cemitério. Eu peguei o trator, tinha um tratorzinho, fui lá no outro cemitério, achei o monte e carreguei e levei tudo de volta aqui, sem pedi pra ninguém.

Fátima: E ele sabia onde é que era o lugar né, ele pegou e plantou tudo de volta.

Bianca: E isso mais ou menos em que ano que foi?

Domingos: Mais ou menos foi no ano 60, por ai

Fátima: Foi mais uma tentativa de destruir, no ano 60. E o seu Domingos segura mais uma vez!

Domingos: E *dopo*³² aquele morador que morava lá morreu, restava a viúva que era uma negreta, ela queria vender a terra. Então tinha um cara interessado lá e foi lá e viu o cemitério, era outra religião e não sei o que, então não compro e tal. E a negrinha véia ela queria derruba tudo.

Bianca: Pra conseguir vender?

Domingos: É ela foi lá com as lei, de juiz, pra bota e tira tudo. Ai não pelo amor de Deus, aí mexeu com o formigueiro, porque não tem documento.

Fátima: Ai tu não tava mais sozinho

Domingos: Não, ai já tava uma equipe junto

Fátima: E eu mobilizei meio mundo

Domingos: E *lora* conseguimos de compra a terra dela! Foi o mesmo da frente ai é dele, bem na divisa, que lá passava a estrada.

Fátima: Ma eu fui me ajoelhar na frente dele mais de uma vez. Eu sei o que que é ir lá e chorar, e dizer olha é só vocês que podem salvar o cemitério.

Domingos: Então agora eles fizeram documentação tudo e já tiraram o pedacinho, e agora a prefeitura tombo.

Bianca: Isso ai, e agora conseguiram né

Fátima: E essa semana nós tivemos reunião com a arquiteta e a responsável do patrimônio lá da prefeitura então agora dia 30 vamos nos reunir a prefeitura, nós da Associação, e nós vamos decidir como é que nós vamos fazer o acostamento a placa indicativa tudo direitinho. E o restauro então eu falei já, mas agora na semana do município eles estão com um monte de coisa.

Domingos: E essa vez que nós tava mexendo no cemitério, tem um cara meio estudado, o Plínio, e *mi go conta*³³ que o meu pai me contou que deu uma briga lá na, na do tempo da revolução de 23

Fátima: Lá na estrada dos Tropeiros

³² “Depois” em tradução livre

³³ “E eu contei” em tradução livre.

Domingos: Que mataram um monte de gente e 40 foram enterrados aí. E até vieram por um corredor que tinha por aí, porque era tudo meio escondido, e ele fez as 40 cruzinhas e me mandou aqui, ele ate ele ta fazendo um livro, mas ele ta desaparecido [...]

Fátima: Aí o pai contou pra ele e ele começou a pesquisar pra ver se era verdade essa informação. E aí que ele encontrou uma testemunha, a *noninha* Gazi, que agora acho que morreu. [...]. E aí então esse Plínio conseguiu o depoimento dessa Assunta Gazzi que ela disse que eles escaparam dos pais e foram ver, quando souberam que tinha dado aquela matança e foram lá ver. Então é comprovado. E eles não foram enterrados lá no Alfredo por causa do partido político. Era Assisista e Borguista, e a maioria dos moradores aí da capela do Alfredo, a classe dominante era de um deles, e esses falecidos eles lutavam pelo outro partido. E aí trouxeram eles escondidos pra enterrar aqui

Domingos: E tu vê eles dois eram de Criúva e foram pra Porto Alegre [...]

Fátima: Então depois toda a caminhada para o tombamento, primeiro pra salvar o cemitério. [...] Então o que foi a primeira coisa que nós fizemos pra tentar salvar o cemitério foi tentar com a comunidade. A comunidade tinha caixa na época e nós até, nós da Associação, tentamos ver se a comunidade abraçava o ponto turístico né, aí fizemos reunião com o dito cujo conselho da comunidade, mas que é uma panela de interesses. Aí fomos até eles e conversamos sobre isso mas aí eles acharam que não, tropa de ignorante, aí eles pegaram e foram lá no prefeito uma comissão da comunidade, pra dizer que eles *tavam* fora, que eles não tinham interesse nenhum no cemitério que não queriam se mete com a viúva. Porque nossa ideia era até de desapropriar a viúva, como ta sendo feito agora com os Venturini. Então a primeira ideia era desapropriar a viúva e ficar, que a comunidade comprasse. Só que dai a comunidade, na pessoa de conselho, mas foi dois três cabeção, eles lavaram as mãos. Então não se pode atribuir à comunidade essa conquista. Não é da comunidade. Essa conquista é da Associação Amigos do Museu e da Família Caldart. Toda a família. Porque em 2015 foi feita a festa da família Caldart, aqui no Martinho, e aí veio mais de 400 Caldarts, descendentes de Caldart, 400 pessoas. E aí fizemos um abaixo assinado, de 400 pessoas, ao Juiz [...] Porque já tinha esses rumores que a proprietária, que a terra estava a venda, e vieram várias pessoas e cada pessoa que vinha via o cemitério e recuava. E ela tava louca pra vender porque ela queria o dinheiro, ela e os filhos. Ai fizemos abaixo-assinado, fizemos requerimento, pedidos, e levamos pro prefeito e pro promotor. Não, o prefeito foi levar pro promotor, o abaixo-assinado e o requerimento. Ah, daí então o juiz, que é muito amigo da advogada, da família da viúva, muito amigo dela, então ela pego e convenceu o juiz. E aí nos deram dias! Aí pegamos até o Conselho de Artes Sacras da Diocese de Caxias.

Bianca: Ah sim, que também fez um documento

Fátima: Também fez um documento. Então veio uma representatividade desse conselho, veio nós da Associação, a Associação Amigos de Suspirolo, a família, os parentes, a gente fez uma comissão de umas trinta pessoas e marcamos uma audiência com o Juiz. Fomos lá, ele nos recebeu, e a gente até dizendo olha juiz a gente conhece a lei do patrimônio, é uma lei nacional que o que foi construído como patrimônio histórico de tal ano, nem me lembro nem que ano pra trás, acho que 30. É, tudo o que foi construído antes de 1930 e que ta, né, não pode ser demolido e destruído, e ele era que nem fala com o balcão. Ele disse bom o que eu

posso fazer é dá 30 dias pra vocês resolver isso. Trinta dias. Aí saímos, nós tava lá embaixo do salão um pensando o que fazer, outro chorando, outro preocupado. porque nós achava que naquele dia nós ia convencer o juiz de para com essa história. Aí não é que já vimos a advogada subir? Ele ligo pra ela, que ela tem o escritório bem na frente do Fórum, dai ela já foi lá com o papel derrubando a liminar, então nós tinha três dias. Ali eu procurei os Venturini e convenci eles, aí fomos na advogada e para tudo que agora tem comprador. E aí graças a Deus começou o alívio.

Bianca: E aí os Venturini também sempre se interessaram em preservar o Cemitério?

Fátima: Não, eles compraram, quando que eu convenci eles de comprar eles falaram tudo bem então a gente compra, mas tu tem que convencer a prefeitura de que ela vai tornar isso ai um bem público, porque vai que daqui uns anos meus filhos queiram vender e aí começa de novo a mesma história. Daí fizemos reuniões com o prefeito, com o Lídio e tal, e com os Venturini junto, e aí se chegou a essa conclusão aí. Tudo muito devagar, mas conseguimos. Então eles queriam que a prefeitura destacasse e pagasse aquele tanto né e deu bem certo. E eu me lembro desde pequenininha que o pai cuidava daquele cemitério lá, ele levava nós lá ajuda ele, com a enxadinha, ajudar a ajuntar as coisas. E assim pra nós aquele cemitério sempre foi com um ar de mistério, lá no meio da capoeira, pra nós crianças sabe. E o pai que sempre seguro as pontas aí.

Bianca: Uhum, e além dessa parte assim da comunidade, aqui né, que não colaborou né, qual a maior dificuldade que vocês veem nesses anos todos pra conseguir ta mantendo o cemitério?

Domingos: Não não pra manter não teve nada de problema, o problema *esta solo quel la che*³⁴ tava querendo destruir. A gente não se importava de tá indo lá meio dia pra limpar. Até a gente fazia por gosto porque a gente ia lá e era dos nossos, a gente ia lá rezava uma Ave Maria.

Fátima: E a gente sentia uma energia muito boa quando a gente vai lá, faz bem ir lá. A gente se sente bem.

Domingos: E *lora* tinha uma cruzinha pequena, então o Plínio, que andava por aí, ele disse mas faz una cosa più granda³⁵

Fátima: Na entrada

Domingos: Então eu peguei, fiz um ferro velho, deixei lá, soldei ele e depois cimentei. E *lora* ele passou e disse “agora sim”! E esse tal de Plínio, acho que eles se assustaram quando ele fez as 40 *cruze nuevo*³⁶, porque ela começou antes das cruze querendo derrubar tudo. Então *plantemo* 40 cruze nova dentro, *tutti peccinini*³⁷, que até dava um troço de vê, que que era isso aí.

Fátima: Só que pai tu te lembra que tinha as cruz de madeiras, o pai se lembra.

Domingos: Sim tinha de madeira. E *lora ga fatto anca mi de madera*³⁸.

³⁴ “Estava só naquele” em tradução livre

³⁵ “Uma coisa mais grande” em tradução livre.

³⁶ “Cruzes novas” em tradução livre

³⁷ “Todas pequenas” em tradução livre.

³⁸ “E mesmo fiz de madeira” em tradução livre.

Fátima: Ma quando tu começou a cuidar tinha as cruz? Que os moradores da época fizeram lá atrás por mortos da Revolução.

Domingos: Sim, tava cheio.

Fátima: Eu me lembro que era *fatte*³⁹ de qualquer jeito lá, mas os antigos eles, quando foram enterrados lá, eles fizeram cruzes pra eles. Mas depois elas foram apodrecendo as cruz né.

Domingos: Sim ia apodrecendo. Se o pai não me dissesse que lá era a enterrado os quarenta ninguém sabia de nada. Só o pai me disse pra mim, e *dopo mi ga parla di vent'anni*⁴⁰, de 15 ano, não falei logo.

Fátima: Se não era uma página da história que não existiria mais

Domingos: Se não era uma história morta

Fátima: Olha a história oral né

Domingos: E eu sempre me recordo de le enterro de la *veccia*, nonna alí, e ele me disse aquele dia “ó lá tem 40 negro” dizia, mas diz que não era negro, até o Plínio confirmava.

Fátima: Foi durante o enterro da Luiggia que ele te conto?

Domingos: Sim

Fátima: olha isso eu não sabia é um fato novo pra mim também.

Domingos: E eu tinha 8 anos.

Fátima: E ele te conto isso e tu nem falo pra ninguém, nem mais comento isso?

Domingos: No, no, ninguém. *Neanca mi padre*⁴¹, por era ó meio assim naquela época, era uma coisa meio escondida aqueles morte.

Fátima: Era uma coisa de política

Domingos: Ele me disse pra mim e pronto. E *mi* la pelas tantas... Eu sempre tinha ela na cabeça *ma pra far que? Pra far niente*⁴² porque a gente não sabia que fim que era né. Até que agora deu pra fala do cemitério então eu comecei a fala.

Fátima: Ma tinha as *cruzota* de madeira lá que fizeram pra aqueles mortos

Domingos: *Ma dopo mi ga lo fatto anca mí.*⁴³

Fátima: Sim porque aquelas apodreceram

Domingos: Sim apodreceu. Então o Plínio disse “eu vo faze as cruzes”. Ele tem um negócio de ferro, estrutura, e fez

Fátima: Então olha, essa história foi resgatada, em função de uma informação de pai pra filho e que ficou guardada dentro do filho por mais de 20 anos. E aí quando ele começo a conta, pra mim, que começo a pergunta, começamos a falar como o Plínio, porque ele é historiador né, aí começamos a falar com ele e tal

Domingos: Ah depois vinha sempre algum visita o cemitério, de Caxias, que tinha parentes e tal, e a gente ia conversando.

Fátima: Aí a gente começou a se mete, quando ele começou a me conta, começamos a se mete, e aí eu disse que se isso ai, por exemplo, tivesse, não sei, por exemplo, de que forma a

³⁹ “Feita” em tradução livre.

⁴⁰ “E então eu falei só depois de 20 anos” em tradução livre

⁴¹ “Nem meu pai” em tradução livre

⁴² “Mas pra fazer o que? Pra não fazer nada” em tradução livre

⁴³ “Mas depois eu mesmo fiz” em tradução livre

divulgação disso aí, quantas famílias que desapareceu o familiar, que o pai ou o filho foi pra Revolução e não volto mais? Então eles localizariam aonde que tá o seu familiar também. Porque essa baixa que deu nesse exército aí né.

Domingos: Até me admiro, tem os parente que nem lá os Pitt que moram lá pra Minas, que vem aqui que tem os Pitt aqui, e os Mezzomo que eu sei que tem, tem *su fradet*⁴⁴, não se interessa, tão aqui na porta.

Fátima: Mas pai é a ignorância da importância histórica, não tem essa visão. [...]

Domingos: Sim e eles tem uma cruz que é dupla que é de dois gêmeos que morreram, são dos Mezzomo [...]

Fátima: E o que mais pai... que nem os caixão como que era feito:

Domingos: Ah os caixão era feito por carpinteri da época, era o Gigio Tronco, o Bolzon, Arastides Balardin...

Fátima: Olha eu não tinha essa informação, como é que o nome do Bolzon?

Domingos: Virgílio, ma agora não tenho certeza se o Balardin fazia...

Bianca: Sim, mas eles moravam todos aqui na comunidade?

Fátima: O Tronco morava aí na Capela São Paulo e o Virgílio mais aí perto do Capoeirão aí, Fazendo Mirasol acho que é agora, indo pra Otávio Rocha [...] E aí, pra enterrar também tinha um ritual né, di *quanti palmi*⁴⁵

Domingos: Ah sim era seta palmo de fundura.

Fátima: Porque lora diziam que a benção, a terra benta, ia até 7 palmos. E o pai diz que se lembra que no dia desse enterro aí

Domingos: É, muita chuva. Deu muita chuva e quando eles desceram com a cova, apareceu uma vertente d'água. Então era pauleira pra tirar fora a *acua*.

Fátima: Enchia o, o buraco de água

Domingos: E descia par fora e vai e vai, até que conseguiu.

Fátima: E as cruces quem que fazia?

Domingos: Ferrari, acho que era o Fioravante era um dos. Falando nisso pera que eu vi una cosa (levanta e vai buscar algo)

Fátima: Ele tem todas as gavetas da casa com coisa de história, ele é historiador

Bianca: Querido né, é sim.[...]

Fátima: Pai ma me diz que que era

Domingos: Era *la prima*⁴⁶ metalúrgica de Alfredo, que era interessante de ver-lo

Fátima: Que eles faziam...

Domingos: Eu calculo que era um, esse Longh, que trabalhava com as cruces. Era uma ferraria que nem nossa casa, mais ou menos, fazia faquinhas, *ferro de cavai, cosita*⁴⁷, inchada, então aquilo era metalurgia, uma pequena ferraria de hoje

Fátima: Então eram esses ferreiros que faziam as cruces?

Domingos: Sim, calcula 60, 70 *ani*⁴⁸ e tem ainda hoje, a gente não pode acreditar!

⁴⁴ “Seus irmãos” em tradução livre

⁴⁵ “Quantos palmos” em tradução livre

⁴⁶ “A primeira” em tradução livre

⁴⁷ “Ferradura de cavalos, coisinhas...” em tradução livre

Fátima: E ai, voltando ao assunto, não tinha solda, então se tu vai lá olha não tem solda, são tudo amarrada.

Domingos: É ma é tudo soldado a areia, nos soldava também, até pro Museu eu disse hoje, que tu tem que ver aquele ferro que tu acha pra solda, que nós soldava. Se soldava com areia, porque ninguém sabia, naquela época não tinha. Em cima o fogo, quando que fervia botava areia até que enchia tudo, se taquea.

Fátima: Má já pensou? E assim o nosso ataúde do nosso biso é de pedra *gres*, que veio de São Sebastião do Caí. E porque que nós, a nossa família conseguiu isso ai e os outros não?

Domingos: Ele era tropeiro!

Fátima: Entendeu porque? Ele era filho do nono, tio do meu pai, era tropeiro, e depois quando começaram

Domingos: Eles transportavam tudo né de mula

Fátima: No começo era de mula e depois começou a ser de carreta. depois viraram carretero. Então como ela era viajado, ele passava por lá e ele comprou a pedra.

Domingos: De certo ele transporta pra outros também né

Fátima: Claro né.

Domingos: Sabe que que é pega 30 mula e pega cosa e pega e descarrega e dormi na estrada onde for. Eles iam daqui a Campos Novos, era um mês de viagem, ida e volta.

Fátima: Então olha, o filho, o nome dele era Carlos, Carlo Caldart, ele

Domingos: Eles tinham casa de comércio aqui. Até eu lembro da casa lá tinha todas as prateleiras, tudo, e tinha uns livros e *mistier*⁴⁹ da firma que ta loco e foi tudo queimado.

Fátima: As minhas primas que ficaram na casa da mãe ela queimaram fora tudo, os passaporte, os documentos, tudo! [...]

Bianca: Agora, pensando no bem tombado né, tu já tinha até me comentado das próximas ações, essa parte do turismo...

Fátima: É, a ideia é assim ó: nós queremos e vai ser um ponto turístico de Flores da Cunha. Já tem o nome, “Campo Santo dos Imigrantes” porque na verdade a nona, a bisa, ela dizia “Andiamo al campo santo” em vez de dizer cemitério, eles diziam campo santo.

Domingos: *E il libro, del Plínio, le nome così*⁵⁰, Campo Santo.

Fátima: A nona dizia sempre campo santo eu me lembro. E *lora mi pensea*,⁵¹ ma vardá a nona chama de campo. E como tu tinha levado nós pra praia eu sabia que campo era uma extensão grande, verde. E eu dizia ma como é que a nona chama de campo ma não tem nada a ver. Então campo santo. Aí quando eu falei pra Lorete que ela chamava de campo santo ela disse “não, campo é lá dos gaúcho” e eu disse ma ela chamava assim.

Bianca: Mas até eu encontrei mesmo que os imigrantes católicos chamavam o local do cemitério de campo santo, os imigrantes mesmo.

Fátima: Ai que bom que tu acho!

Bianca: Sim tem registros, na verdade ela falava bem certo

⁴⁸ “Anos” em tradução livre

⁴⁹ “Objetos da firma” em tradução livre

⁵⁰ “E o livro do Plínio tem esse nome aí” em tradução livre

⁵¹ “E então eu pensava” em tradução livre

Fátima: Então assim ó, o fato de ter tombado esse lugar pra nós foi um descanso. Foi uma satisfação, em descanso final de uma luta muito muito muito sofrida.

Bianca: Que começou ai em 2005 ainda né? Pelo o que eu tinha lido das matérias da Gissely.

Fátima: É

Domingos: E outra, é muito interessante a, o altar lá que ele levo lá do Caí tem sete pedaços, não tem nada de cola, não tem nada, e nunca foi derrubado.

Fátima: É sobreposto, ele não é cimentado.

Domingos: Todos esses temporal que deu, *anca otro dia*⁵², derrubo com tudo lá.

Fátima: E ele é todo solto, sete peças soltas. E ele não cai, pode venta até que quiser e ele não derruba. Tu precisa ir hoje lá?

Bianca: Não na verdade eu to por vocês, eu posso vir outro dia sem problema.

Fátima: Sim porque ta feio, vamo espera quando eles vem ajeita.

Domingos: Sim na hora que eu cuidava era outra coisa, agora...

Fátima: Porque eles mandaram o pai para de cuida, a Cris e a Sayonara disseram pra não mexer mais, mas ai pro dia dos mortos o pai foi lá e deu uma limpada de novo.

Bianca: Ainda tem gente que visita lá, no Dia dos Finados?

Fátima: Sim a gente vai rezar o terço todos os anos, uma boa parte da comunidade também. Bom, foi assim ó, vinha toda a comunidade reza o terço e ajuda a fazer as covinha. Depois a comunidade um de cada vez foi abandonando, abandonando, fico só nós. Aí nós ia so nos reza o terço, ai agora tão voltando.

Bianca: Ah tá, agora que voltamos a falar do cemitério.

Fátima: A cada ano que a gente vai aumenta 3, 4 pessoas

Domingos: Ma vem gente de longe pra olhar isso ai

Fátima: Ah pra olhar sim. Esses dias veio a família Pitt de Minas Gerais.

Domingos: Porque eles tem os morto

Fátima: Pra fazer o estudo da família deles. E eles acharam ali o nome da Tereza Pitt! Que ai eles encontraram a origem deles, eles tão muito feliz!

Domingos: Esses encontro que a gente faz, que fomos os 4 pra Erechim, e ainda tinha tinha gente que não sabia de onde é que vinha as raízes dos Caldart.

Fátima: E assim ó, agora dia 7 de Setembro vai ter o encontro da família Detofoli, que é a família da minha mãe. Então vem gente do mato grosso, de São Paulo, de toda essa região, litoral de santa catarina, de todo o mundo. E o objetivo é vir ver aonde que ta o biso e a bisa, os imigrante! E outra coisa, então agora né

Giacomina: Precitaria fazer todas as covinha...

Fátima: Eu também acho! Vamo ve o que que aquelas duas lá acham, eu faria, depois é mais difícil de manter limpo mas é que seria mais autêntico. Assim, porque mesmo na época a erosão levava e a gente refazia, levava e refazia. O que que eu preciso te dizer, que agora foi, eles, um grupo de pessoas, estão investindo pra fazer uma nova rota turística em Flores da

⁵² “Como outro dia” em tradução livre

Cunha. Que tem a rota dos Compassos da América, e tem uma nova rota que agora vai sair, que é a vinícola Malacarne. Eles compraram os restos mortais da cooperativa, é o que aí?

Domingos: A Santo Antônio

Fátima: A cooperativa Santo Antônio ai no Alfredo, que só tem as muralhas. [...] e daí então se encontramos com o Gilmar (Malacarne) na prefeitura! Eu tava lá esperando pra falar com as gurias e ele entrou, levo até um susto. “*Ma sitto tu ga laurar aqui*”, “*no*”, *mi ga ditto*, “*van drio é assunti de história*” “*anca mí*”⁵³. Daí eu escutei tudo o que ele falou lá com as moças. E ele fico feliz feliz que eu tava lá porque eu que ajudei ele, com as gurias, eu dizia não é isso aí tem que preservar sim. E ele quer preservar os muros. [...] Aí então nessa rota tá incluído o Cemitério, do Imigrante, e aqui na casa do pai eles vão fazer a casa do alambique, da graspa.

Domingos: Vamo faze um museu.

Fátima: E um museu. Eles têm horrores, eles tem mais coisas aqui do que o museu la de Flores guardado. E eu vou ajudar a fazer o museu.

Giacomina: E eles te contaram que o cemitério aqui em cima é quadrado e depois tem um pedacinho do limbo?

Bianca: Sim, sim, pra quem não era católico né.

Fátima: Então agora nós temos duas grandes vitórias. A primeira que nos salvamos a nossa memória, a história da nossa família. Outra a nossa alegria é de ter dado um repouso praqueles imigrantes la, que eles merecem descansar!

Domingos (com recorte de jornal): Aqui ó, a primeira metalúrgica!

Bianca: Olha, 1901!! [...]

Fátima: olha aqui a foto do encontro da Associação dos Amigos do Museu! A gente coloca florzinha em todas as cruces e se coloca todo assim ao redor e a gente reza o terço. Então todos os anos eu participo também e vou contando a história pros novos que vem chegando. E aí então agora nós tamo bem felizes porque damos o descanso aos nossos antepassados, preservamos a memória não só da nossa família.

Domingos: E como é que foi deixado fora aquela do nono?

Fátima: Não pai, só a fotografia, e que foi feita pra pega as pessoas.

Domingos: Ah é.

Fátima: E o terceiro é que isso é vai se tornar um ponto turístico, pra que as novas gerações tenham alguma coisa pra lembra dos antepassados.

Domingos: Deixar marcos

Fátima: É, deixar marcos!

Bianca: Verdade

Fátima: Então a gente, quer que essa história se perpetue. Que graças a isso a história seja recontada sempre sempre sempre né.

⁵³ “Mas e tu começou a trabalhar aqui?” ‘não’, eu disse, ‘eu venho falar de assunto da história’, ‘eu também!’, ele disse” em tradução livre

Bianca: Então agora não dá mais pra mexer, fazer a limpeza lá, tem que sempre espera da prefeitura

Fátima: Sim tem que espera agora quando vem a prefeitura. Tudo passa pela Cris e pela Sayonara. [...]

Fátima: Daí, que que eu ia dizer... que que nós tava falando?

Bianca: Da questão que agora é sempre a prefeitura pra mexer...

Fátima: Ah sim! Daí, foi tombado em agosto do ano passado, e mais ninguém se meteu né. Aí vem o temporal e fecha tudo aquilo lá.

Bianca: O temporal aquele de outubro?

Fátima: sim dia 31 de outubro. ai pega a Fátima e vai atrás de novo. Aí eu fui lá e meti a boca até que vieram limpa, e paro. E eu disse ah paro nada! E outra, nós tivemos a reunião da Associação dos Amigos do Museu semana passada e eu botei a boca, eu disse “gurias adianta o que ter tombado, o pessoal vem aqui, vão lá pega o pai pra ir lá ver um chiquerão? Tá feio lá!”. Ai a Camila marcou essa reunião, e aí agora eu vou ficar todo o dia no pé. Que agora dependendo do Mica (Diretor de Cultura) assinar o empenho pra pagar o taipero. Então eu fui lá, o Mica não tava, falei com a chefe a Ana Paula (Secretária de Educação) e ela disse deixa pra mim. Ai agora eles tão na semana do municipio ma assim que eu achar ele!

Domingos: Sim eu to esperando

Fátima: Agora só falta eles fazerem o empenho e o taipero já vem aí e faz o trabalho. E, eu acho que é isso, tu tem mais alguma coisa?

Bianca: olha, acho que era isso, a gente já falou de tudo... Ah aqui, a questão do setor público estar colaborando... mas pelo o que tu me disse vocês tiveram a ajuda deles na verdade né?

Fátima: Sim, tudo o que foi feito foi através deles! Nós só atiçava mas quem, as ações são deles né. E assim a gente tem uma gratidão muita grande pelo Lídio porque foi o único prefeito que teve coragem de tombar um bem.

Bianca: É verdade! Isso me chamo também porque a lei do tombamento municipal é de 86 ainda.

Fátima: Sim é de 86 e o único bem tombado é esse. Ah e o Museu também agora né?

Bianca: Isso, o museu foi um pouco depois.

Fátima: Sim, um pouco depois. Mas o primeiro bem tombado foi o cemitério. Então a gente tem uma gratidão muito grande pelo Lídio porque é graças a ele! Que nós conseguimos esse tombamento, a visão dele, a equipe a cris e a sayonara também que conversaram com ele, mostraram pra ele o entendimento a importância né. E com certeza agora também todas essas tomadas de ações... E, quem agiliza, quem vai atrás, que puxa é a Associação. Graças a Deus que tem a Associação. Então nós agradecemos demais o poder público, que foi a mola mestra né. Porque se não tivesse a vontade política do prefeito isso não ia acontecer.

Bianca: É verdade, ia ter sido destruído... [...]

Fátima: E acho que era isso... Bom no que mais tu precisa tu volta! No decorrer do trabalho a gente vai lá na fazé umas fotos!

ANEXO B

Entrevista realizada por Bianca com Lorete Calza Paludo, no dia 9 de maio de 2019

Justificativa da escolha dos entrevistados:

Lorete Calza Paludo é historiadora, ex-presidente da AAMAHPR e atual presidente do Conselho de Cultura, esteve presente nos trâmites para o tombamento.

Bianca: Como foi que surgiu o Conselho?

Lorete: O Conselho da Cultura na verdade, foi quando eu assumi o Departamento da Cultura ele era um dos meus objetivos. Ele já havia sido assim planejado há muitos anos no caso né, mas é que a realização, a legalização do Conselho, ela não tinha acontecido ainda. Então eu achei por bem, acho que para a Cultura era muito importante nós termos o Conselho; né? Até para normatizar, por exemplo, é, esses tombamentos que nós fizemos o ano passado, tanto o Cemitério quanto o do Museu, ele é fundamental nesse sentido né? E para proteger todas na verdade, todas as formas de cultura, né?!

Bianca: Aham. Isso aí. As principais ações do Conselho então é essa questão de estar protegendo...

Lorete: As normatizações, é, as ações culturais né?! Qualquer ação cultural né?! E até inclusive quando, por exemplo, é que nós sempre temos um pequeno problema que é o financeiro né. Então o dinheiro que é destinado a cultura ele é muito limitado. E ele também seria por exemplo um apoio aos grupos culturais, aos eventos culturais. Mas o nosso principal foco mesmo do Conselho da Cultura seria essa parte de patrimônio histórico, da preservação do patrimônio histórico da nossa cidade.

Bianca: Aham. Muito bem. E como é que foi para estar instituindo o Conselho? Quais foram as ações, as dificuldades?

Lorete: Olha as dificuldades maiores, Bianca, são as pessoas, porque quando o Conselho não existia, é, ele era necessário. Então se criou o Conselho, se buscou dentro de cada segmento, por exemplo, artes cênicas, patrimônio, musica, um representante e um suplente de cada segmento cultural. Então formamos o Conselho, no início assim, funcionou muito bem. Mas as pessoas não entendem muito bem qual é a função do Conselho. Geralmente as pessoas se aproximavam assim já pensando: “ah que bom agora posso programar tal evento”... Já pensando assim, nesse sentido. Então quando as pessoas se depararam com o esse problema, o financeiro, as pessoas foram se deixando meio de lado. E hoje o maior problema que nós enfrentamos com o Conselho da Cultura mesmo são as pessoas que trabalham, que se empenham para que ele dê certo.

Bianca: Ah, sim. E foi em 2015?

Lorete: Foi em 2015, sim

Bianca: Agora então, vamos falar mais específico sobre o Cemitério do Martinho. Como é que foi que tu conheceu o Cemitério?

Lorete: O Cemitério na verdade, eu conheci quando, eu já tinha ouvido falar do Cemitério. Mas quando eu assumi o Departamento de Cultura, e ali eu fiquei sabendo que o terreno onde o Cemitério se localiza hoje, ele estava à venda. Então, qual era a nossa ideia?! A nossa ideia era de que o Município adquirisse esse terreno né, para preservar ou para fazer o tombamento desse patrimônio né? Aí então que eu tomei conhecimento da importância que ele tinha. E aí começamos então uma caminhada muito longa. Nós temos pessoas que se engajaram assim nesta luta, assim, muito importante, principalmente a família Caldart né?! Eles sempre cuidaram do cemitério né? Porque ele um cemitério que foi construído lá no final do século XIX, com características bem diferentes né?! E ele precisava ser preservado. Como o mais antigo e como o único ainda que mantinha essas características. Aí então se começou uma caminhada muito grande, porque a dona desse terreno, a ideia dela era vender o terreno, porque ela não morava aqui, ela não mora aqui, ela queria vender este terreno, mas não conseguia comprador justamente porque ali se localizava o cemitério. E a luta da família Caldart, e os pessoal, os Amigos do Museu né, que se empenharam ali, queria que o poder público fizesse alguma coisa nesse sentido, mas como né, a gente sabe, que esbarra em um monte de empecilhos, aquelas coisas todas. Mas, nós tivemos ali a família Venturini. A família Venturini então, comprou o terreno dessa senhora, porque ela já tinha contratado as máquinas para que o cemitério fosse tirado de vez, que assim ela poderia vender a terra. Mas aí a família Venturini comprou o terreno e começou aí uma negociação com a família Caldart né, que mais se empenharam ali né?! Família Caldart, os Amigos do Museu, com o poder público né, até que depois de muito tempo, passou pelo juiz, pelo promotor... Ah, foi uma série de, uma tratativa muito extensa. E aí, então que no ano passado, os Venturini fizeram o negócio com a Prefeitura, venderam o terreno e aí então a Prefeitura fez o ato de tombamento né?! Que foi presidido por nós, os Amigos do Museu né, que foi uma luta assim, nossa também né?!

Bianca: Aham, com certeza. No caso, pensando no Conselho e no cemitério assim, qual é a importância que o Conselho veria nesse bem?

Lorete: Assim, olha, eu acho que a importância, independente de ser o Conselho da Cultura, eu acho que nós, nós, temos a responsabilidade de sermos assim os guardiões da história, e se nós não preservamos, as futuras gerações, ou as próximas gerações, elas não terão respostas para questões assim: quem somos nós? E o que fizemos nós? Entende? Então eu acho que a importância de preservarmos um patrimônio é que tem que preservar a nossa história. Porque se nós não tivermos a nossa história, não saberemos nem quem fomos né? Para o Conselho da Cultura era fundamental que esse bem fosse tombado. E para todos que são envolvidos, que acreditam nessa preservação então é mais importante ainda né?! Porque foi o primeiro ato, primeiro tombamento do município de Flores da Cunha e eu acho assim que, o Cemitério é uma relíquia. Porque em toda história e em todas as culturas, os mortos sempre foram uma preocupação né e não diferente conosco com imigrantes italianos, e os que se localizaram nessa região de São Martinho, a primeira coisa que acontecia era um local da igreja, pra fazer a capela, pra fazer o seu capitel e em logo em seguida o local para depositar seus mortos, e sempre perto de uma estrada. E esse cemitério tem características que qualquer outro

cemitério não tem. Nós temos aí três elementos muito importantes: o limbo, os revolucionários e as pessoas da comunidade. E o local dele é todo envolto em mistério, porque ele é cercado por uma taipa, os mortos são todos enterrados no chão, a sete palmos, que o significado é porque a sete palmos a terra é benta, depois de sete palmos ela não seria mais benta. E uma das características é o limbo, porque o limbo, até alguns anos atrás ele fazia parte assim, quando tu morresse, ou tu ia pro céu, ou pro inferno, pro purgatório ou pro limbo. Agora o limbo deixou de existir né?! Então, nesse limbo eram enterradas as pessoas, as crianças que nasciam e não eram batizadas, ou pessoas por exemplo, suicidas, que não podiam ser enterradas em lugar santo, então esse limbo que não era santo, que não era bento, seria o descanso eterno deles né?! E esse limbo significava assim, que a pessoa vagaria eternamente na escuridão. Então, se acreditou até poucos anos que o limbo existia. Outra característica importante desse cemitério, são os revolucionários ali de XXIII, nós tivemos aqui no Rio Grande do Sul, que na verdade ela é uma continuidade lá da revolução federalista, e nós tivemos aqui no RS, um momento assim, de uma disputa política bem importante né?! Que um dos governos quase se perpetuou no poder né, que era o Borges de Medeiros, e ali se inicia uma revolução para tirar esse governo do poder né, com uma oposição do Assis Brasil né?! E essa revolução, por incrível que pareça, ela chega em Flores da Cunha. E ali, perto do Travessão Martinho, mais precisamente ali no Alfredo Chaves, passava a estrada principal, e acontece um confronto e nesse confronto quarenta pessoas morrem, que não sabiam quem eram, pelas características achavam que eram negros, podiam ser lá dos campos da serra, região de Vacaria e tal, e não sabiam se eram batizados, não sabiam quem eram. Então essas pessoas ficaram expostas por três dias ali na estrada e não foram enterradas no Alfredo Chaves, até por questões políticas né?! Aí então São Martinho, o cemitério de São Martinho é que vai acolher esses revolucionários. Então, como não havia espaço para quarenta pessoas no limbo, e não podiam ser enterradas na parte santa, ele vai, eles vão enterrar esses mortos entre o limbo e a parte benta. Então tem toda uma história ali dos revolucionários né, toda uma outra questão. E depois nós temos ali, as cruces por exemplo, na parte legal do cemitério, onde as pessoas mais eram enterradas né, as cruces assim que tu volta para uma época totalmente diferente do que é hoje né, que eram feitas em ferro batido né, aquela coisa toda né, e todo um ritual que era feito né, de dar assim um destino a pessoa falecida né, que era muito importante pra família. Então eu acho assim, que ele te dá, ele tem todas as características para que ele seja mantido né? Não podia ser destruído esse cemitério! Aí o Conselho da Cultura, mais a Associação dos Amigos do Museu, juntamente com o poder público né, então fizeram né, toda essa tratativa, né e nós conseguimos no ano passado né, fazer o tombamento desse cemitério, assim que foi um passo muito importante para Flores da Cunha né, e depois em seguida fizemos também, conseguimos fazer o do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi. Agora então tombado esse cemitério, o poder público no caso, tem que fazer a manutenção que é outra parte de toda uma caminhada né, porque o cemitério tem que ser restaurado, a taipa né, principalmente a taipa, o entorno dele, porque não podemos mexer nada nas características dele, ele tem que continuar igual, só que claro restaurado assim né, e aberto né, eu digo assim, para ele se tornar um ponto turístico né?!

Bianca: Isso que eu ia te perguntar agora mesmo. Que outras ações assim, pensando agora e no futuro, para conseguir ir mantendo ele, tu acha que nesta questão turística assim?

Lorete: Sim, sim. Ele, na verdade, ele já bastante visitado, sim, mas assim, o objetivo do restauro é de tornar um local mais acessível assim, pois não temos estacionamento né, tem a estrada que liga, a estrada principal que passa, aí tu entra, uns 50 metros tu chega ao cemitério, não temos uma indicação assim, uma pequena assim, né? Tu passa tu não te dá conta. Tem que saber onde parar para entrar ali né? Aí tem toda essa parte agora né; inclusive, ele era muito mais protegido, mas com esse último temporal aí, caíram muitas árvores ali. Depois de feita toda essa parte, toda estrutura né, aí então ele vai integrar os pontos turísticos de Flores da Cunha. As pessoas se interessam, até porque tem todo um mistério que envolve o cemitério né; e ele é totalmente diferente né, porque todos os cemitérios tinha o limbo, a maioria tinha cruzeiros de ferro, mas assim, foram destruídos e inclusive ali no Martinho, eles tiveram já quatro cemitérios, eles mantêm o último e esse primeiro, e esse primeiro se mantêm justamente por causa da família Caldart ali, o Seu Domingos Caldart, ele cuida, sempre cuidou desse cemitério né, e ele continua de pé, justamente por causa do Seu Domingos né?! Que é ele que cuida, ele tem muito carinho né, até o único monumento em pedra, que vinha lá de São Sebastião do Caí, o único monumento em pedra assim escaldada é do Domingos Caldart, é avô dele né. Que veio pra cá no final do século XIX né?! Então, acho que pra Flores da Cunha, pro Conselho da Cultura, pros Amigos do Museu né, foi assim uma conquista muito grande né?! Agora só resta a manutenção né?!

Bianca: A manutenção então fica a cargo...

Lorete: A cargo do Município sim, do poder público. Quando um bem é tombado, ninguém mais pode mexer nesse bem né, então quem tem que fazer todo o trabalho de manutenção, de preservação, é o Município né?!

Bianca: E a gente falou na questão do restauro, tu sabe já está sendo encaminhado alguma coisa?

Lorete: Sim. Assim, na semana que vem, nós temos uma reunião marcada com o pessoal de obras ali da Prefeitura, juntamente com a responsável pelo tombamento do patrimônio né, porque nós queremos apressar algumas coisas né, principalmente o concerto da taipa né, o restauro da taipa. Então assim, para nós podermos, nós como Associação dos Amigos do Museu, né, porque também é bem importante pra nós né, e o Conselho da Cultura, saber o que que nós podemos fazer entende?! Mas tudo tem que ser com o aval né, do que pode, o que não pode, dentro da Lei, a lei de tombamento né?!

Bianca: A responsável pelo tombamento é a Cristina?

Lorete: É a Cristina. Sim, a Cristina e a Sayonara. Que fizeram todo o processo de tombamento né, e com a ajuda também da Camila né?! E na época, no caso quando se lutava ali pelo tombamento, para que o poder público assumisse o cemitério, teve um trabalho também muito grande da Fátima Caldart, do Valentim Coloda, sabe?! Foi um trabalho assim, um trabalho de formiguinha né, porque tu tinha que ir contra... Porque tu pode ser contra, por

exemplo, a dona do terreno, ela precisa vender, como é que tu por exemplo vai ser contra? Tu tem um terreno, tu precisa do dinheiro, mas aí tem um cemitério, tem algum né... Como é que tu pode ser contra, tu entende?! Tinha que ser feito alguma coisa. Então, nós tivemos a sorte ali dos Venturini, eles compraram eles esse terreno, porque eles também queriam preservar ali né, e aí então começaram as tratativas ali com a Prefeitura, com o Prefeito Lídio e chegaram a um acordo e por isso que todo o tombamento aconteceu.

Bianca: Uhum. Acho que o que eu tinha que te pedir era isso; acho que era isso Lorete. E agora da questão do futuro então, a gente conseguir restaurar né...

Lorete: Sim. Agora o próximo passo na verdade ele já teria que ter acontecido, mas assim, tu esbarra sempre na parte financeira né, tu tem que ter uma adaptação especial né, e como no ano passado quando se deu o tombamento, essa adaptação já tinha saído entende?! Então fica um pouquinho mais difícil. Mas assim, eu sei que a Secretaria de Obras e o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, já estão assim vendo, porque na verdade nós precisamos, esse ano ao menos, até o final do ano, deixar assim, ele assim, cercado, com uma entrada melhor né, bem mais assim acessível e visível. Principalmente visível, porque quando tu chega ali, tu nem imagina que ali vai ter um cemitério né?! Então, eu por exemplo, eu sabia da existência, mas não sabia onde se localizava, eu só fiquei sabendo quando eu assumi o Departamento de Cultura, porque aí começou toda essa ideia de tombamento e aí eu fui conhecer o cemitério né, mas quase me perdi né?! Porque “Ah tem uma placa” “Cemitério” aí tu passa pela estrada, tu vai, tu volta, tu não enxerga qual é que é a certa né?! Fica bem no meio assim, no meio do mato, e não tem assim, tu não ia enxergar que aquilo era uma estrada. Mas isso foi uma coisa até a favor do cemitério, isso impediu que ele fosse mais, né?!

Bianca: Ah sim, isso é verdade. Porque até ele, a Fátima comentou comigo que ele tinha muito mais cruzes, ele foi diminuindo assim...

Lorete: Sim, sim. Claro que foi. Até porque as pessoas tiravam as cruzes para ferradura de cavalo né?! Sim né, porque há uns três anos atrás, eu consegui recuperar de um caminhão de ferro velho, três cruzes de ferro do cemitério. Muito lindas, até elas estão no Museu. Não sei a quem elas pertenciam, elas estava num porão, juntaram tudo e colocaram no ferro velho. Aí fiquei sabendo que tinha três cruzes muito bonitas, bem interessante porque dizia assim: “Morto tal”, “Becada de na bissa”; entende?! Até o motivo estava escrito na cruz, que ela morreu picada por uma cobra, entende?! Então são coisas assim que tu não pode perder né?! Porque daqui uns tempos né, as próprias gerações, eu até às vezes, eu meio que questiono, se para as futuras gerações isso vai ter importância ou não, entende?! Mas assim, o que estiver ao meu alcance, eu vou tentar fazer a minha parte. Tanto né, todo o patrimônio cultural, material e imaterial né, que a mesma coisa com o Talian, a língua, a mesma coisa que o Museu. Porque eu acho que a gente não precisa preservar tudo entende?! Mas ao menos um exemplar, de cada coisa, entende?! Para que essas coisas contem a nossa história. Porque se nós né, se a nossa geração, vocês, por exemplo, a tua geração ainda passe alguma coisa, mas pensa na outra geração, na próxima geração, entende?! Até porque com toda essa modernidade, a rapidez com que as coisas mudam, é, tu não tem muito tempo de assimilar, de buscar, porque as coisas já estão mudando, é uma mudança seguida da outra, tudo muito

imediatamente. E isso me dá um pouco de medo, porque eu acho que esse imediato acho que a gente perde história né?! Então o que se pode preservar, se estiver lá e ninguém pode mexer, está preservado né, e acho que feita a nossa parte né?!

Bianca: Muito bem. Tem mais alguma coisa que tu queria complementar sobre o Cemitério... Dos bens patrimoniados então a gente tem...

Lorete: O cemitério e o Museu. Sim.

Bianca: Que são patrimônio municipais.

Lorete: Patrimônio do Município. O Casarão Veronese, mas é patrimônio do Estado.

Bianca: Tem algum outro bem patrimonial que está sendo pensado em tombar?

Lorete: Por enquanto não. Até porque assim, depois que tu tomba, tem que fazer toda a... Tu não pode reformar, não pode refazer, tu tem que restaurar. E o restauro é, ele é muito mais complicado, muito mais difícil né, financeiramente. Então nós conseguimos o Museu, se nós conseguir, vamos conseguir, o restauro do Museu, ali tem a nossa história, ali tem toda a nossa história né?! O Museu por exemplo já, a construção é histórica, tudo que tem lá dentro, é histórico, entende?! E mais o cemitério, acho que é um passo bastante grande né?! Não que, nós temos casas assim maravilhosas que deveriam ser preservadas, mas isso, vamos pensar assim, mais na questão de cultura. Tem que começar aos poucos né, porque senão, a gente fica frustrado né?! A gente batalha por um né, e aí a coisa não acontece né?!

ANEXO C

Entrevista realizada por Bianca com Cristina Seibert Schneider e Sayonara Guarese no dia 12 de setembro de 2019

Justificativa da escolha dos entrevistados:

Cristina Schneider e Sayonara Guarese: Servidoras públicas com conhecimento técnico e jurídico sobre a efetivação do tombamento e que auxiliaram na inscrição do Cemitério no Livro Tombo Municipal.

Bianca: Então se tu puder me falar como que é feito esse processo do tombamento depois que a comunidade vem até vocês.

Cristina: Na verdade a comunidade nos procurou, né, porque percebeu que um bem tão valioso, assim um valor simbólico pra aquela comunidade muito grande, corria o risco de desaparecer. Então a gente acionou o Conselho. O Conselho de Cultura do município fez um documento atestando o valor que tinha, né, esse cemitério, e aí iniciamos o processo interno dentro da prefeitura, que consiste basicamente em duas grandes ações. Uma que é o levantamento histórico, então dados como documentos e depoimentos, inclusive montamos esse histórico e uma descrição arquitetônica. Então uma descrição da área, da onde estão os túmulos, e uma contextualização também quanto paisagem cultural, todo esse conjunto. Aquele cemitério ele tá inserido num local específico, com uma vegetação característica, com os muros de pedra, então ele se torna algo muito especial. Então se tem toda essa descrição e aí a gente monta o processo. O processo é então o tombamento municipal, a gente tem o primeiro tombamento municipal, no âmbito municipal, agora o segundo é o museu e o terceiro vai ser o campanário agora em outubro. Temos um patrimônio estadual que aí o tombamento foi feito pelo estado, que é o Casarão dos Veronese. Então esse processo é montado internamente, o processo número 001, e aí tem toda essa localização e descrição e plantas topográficas, histórico arquitetônico, e aí a gente elabora esse documento que gera então o decreto de tombamento. Então existe hoje uma pasta dentro da prefeitura com todo esse processo essa documentação, um decreto que atesta o valor, é o prefeito que assina. O único que pode fazer o tombamento é ou o presidente da República, ou o governador do estado ou o prefeito. No âmbito municipal é o prefeito municipal e foi feito então uma cerimônia de apresentação desse ato de tombamento. Importante enfatizar que o tombamento ele não precisa da aprovação, né, o proprietário ele é comunicado, na verdade ele recebe uma notificação e aí ele pode concordar ou não. Mas é um ato que não necessariamente precisa da aprovação. Mas a gente fez todo o processo com a comunidade participando, discutindo e contribuindo e entendendo principalmente a importância de preservação desse espaço.

Bianca: E agora que ele tá tombado qual que seria a responsabilidade do município em cima dele?

Cristina: A legislação é bem clara, é a legislação de 1987, né, então assim quem faz o tombamento tem que ter a responsabilidade da sua preservação. Então o que que nós temos: nós já fizemos a consolidação da taipa de pedra, então nós contratamos um mestre tapeiro,

que é alguém que domina a técnica de empilhar, de cortar essas pedras. Então refizemos toda a taipa de pedra, que é característica daquele cemitério. Fizemos toda a limpeza do entorno, tá, e agora montamos o projeto onde prevê estacionamento, a acessibilidade e a placa de identificação. A placa de identificação também já está, o desenho dela já está pronto também, só falta agora a parte de produção efetivamente pra colocar essa placa.

Bianca: Deixa eu te pedir que agora surgiu a dúvida, no caso quando o tombamento é municipal, essa aprovação é só do prefeito? Não tem que ta recorrendo a outro órgão?

Cristina: Não, é o prefeito. Ele vai se ampara no Conselho Municipal, nos seus técnicos, No órgão federal ele vai se ampara no parecer do Iphan, no órgão estadual do Iphae.

Bianca: Uhum, muito bem, ah e qual quer tu diria assim que foi a difícil pra essa parte técnica do processo? Se teve alguma coisa...

Cristina: Eu acho que sempre o que é a dificuldade é pensar os recursos financeiros pra fazer as melhorias necessárias né. No caso lá do cemitério é praticamente uma obra de conservação né. Então assim é sempre essa preocupação da onde que vão sair os recursos pra da continuidade. Acho que essa que foi a parte mais complexa, porque houve um envolvimento da comunidade, do querer da comunidade, o antigo proprietário também foi muito acessível em relação a toda a tramitação. Essa sensibilidade ela já existia, que essa parte normalmente é um pouco mais difícil. Nossa preocupação mesmo é a questão financeira.

Sayonara: E também a prefeitura, no auxílio da compra da área ao redor né, que ai a gente consegue preservar também o que é nosso. Como é um bem público a gente também tem um pouco de autonomia pra ir lá e colocar os nossos serviços também, nossas secretarias, a agricultura, obras...

Bianca: Sim porque até acho que essa parte da, do estacionamento que agora vai ser feito, a Fátima tinha me comentado que passou a ser responsável agora a Secretaria de Obras, por exemplo.

Sayonara: Claro, a comunidade, principalmente a Fátima, também se envolve nessa questão, eles querem botar flores, querem embelezar um pouco o lugar, e como eles estão mais próximos e também tem essa referência afetiva, eles conseguem ajudar mais também né.

Bianca: Sim... tu pode me falar Sayo pra gente deixa registrado, como que é o parecer técnico, quando tu foi fazer ele...

Cristina: Tu teve acesso a esse parecer técnico?

Bianca: Sim aham, eu tenho cópia de todo o processo

Sayonara: Ótimo, é que na verdade no processo de tombamento sempre precisa ter uma descrição arquitetônica. Só que alí é difícil de fazer uma descrição arquitetônica porque alí é uma coisa mais, ah, sensitiva e visual. Não tem muita obra...

Cristina: Não tem muito material né

Sayonara: Então eu fiz pesquisa em livros, pra gente se referenciar sobre cemitérios né. E ai a gente, cheguei a essa conclusão, principalmente das estruturas das cruces, aquele monumento em pedra *gres* né, a taipa ao redor delimitando, o limbo, o tipo de construção. Mas é uma construção, é uma obra muito vernacular com as coisas que tinham por ai né. o tipo de pedra e de solda que eles tinham no momento, porque tu ve que é tudo com uns engates, muito

artesanal, não tem solda né. Então né era o que eles dispunham na época. Provavelmente tudo com ferro, fogo e mão né, e martelo...

Cristina: É uma coisa interessante acho pro teu tcc também é pesquisar outros casos de cemitérios entende, que tiveram o mesmo encaminhamento, porque tu vai encontra pouquíssimos casos.

Bianca: Sim, até quando eu fiz a primeira parte assim de referencial bibliográfico enfim, do que já foi feito, tem um cemitério em Joinville, que também foi parecido porque também foi tombado e agora ele tá inutilizado. E tem algumas coisas parecidas na questão das cruzes, mas lá eles utilizaram bem mais monumentos em pedras do que ferro. Mas lá também foi feito todo o processo pra estar tombando e aí agora ele é usado pra visitação mesmo.

Sayonara: É e aí o que eu acho que também tem de diferencial nesse cemitério também a localização, porque ele tá numa clareira, no meio de um mato fechado. Então isso é uma situação meio peculiar, específica daquele lugar. Eu sempre digo pro Felipe pra coloca uma máquina de gelo seco pra quando a pessoa chega já tem um nevoado. Então é um ambiente assim de suspense, de mistério, então acho que é mais ou menos por aí assim, mais um sentimento que causa.

ANEXO D

Entrevista realizada por Bianca com Plínio Mioranza no dia 01 de novembro de 2019

Justificativa da escolha dos entrevistados:

Plínio Mioranza: O escritor tem parentesco com sepultados no cemitério e foi o responsável por fazer a colocação das 40 cruzes de ferro, identificando os mortos da Revolução de 23. Tem um romance sobre as histórias que acerca do local, que será em breve publicado.

*Os espaços separados por colchetes são referentes a assuntos falados que não são pertinentes ao trabalho

Bianca: Bom eu queria mesmo saber como que o senhor conheceu o cemitério

Plínio: Mas eu nasci do lado! Tem a Cantina Mioranza, eu nasci aí do lado. O cemitério era perto, linha reta assim uns mil metros. E o Caldart, o pai do Domingos Caldart, o Alberto Caldart, foi um daqueles que trabalhou pra enterrar os mortos. Ele, o Mezzomo, o Ricardo Panizzon, o Pedro Panizzon, Demoliner... essas famílias que estavam aí, todas elas trabalharam pra abrir as covas e enterrar os 40 mortos. Na realidade eles não foram mortos ali no Martinho

Bianca: Foi lá no Alfredo né?

Plínio: Foi lá no Val di Espirit, no Travessão Alfredo, em Nova Veneza. Um pouquinho pra baixo aí numa curva, da estrada Val de Espirit, que conduz pro Acioli. Eles foram mortos lá. Não tem nada certa, mas provavelmente em 9 de novembro, de 23, provavelmente. Não tem uma palavra escrita sobre esses mortos em todos os livros que eu lí sobre a Revolução de 23. Tem uma referência a Alfredo Chaves, mas Alfredo Chaves era o município de Veranópolis, daí tem alguma coisa ali

Bianca: Ah sim, aí fica confuso

Plínio: Sim aí fica confuso. Mas eles foram mortos lá e foram levados de carroça, de padiola, de portantina, nos cestões, até o Martinho, os 40. Pela estrada, pelo interior, hoje saí lá no Detoffoli, e alguns poucos pela estrada. Mas porque que não foram tudo pela estrada? Porque eles queriam esconder o fato. Então na verdade o cemitério do Martinho é um esconderijo dos mortos. Porque os Chimangos, que mataram os 40 Maragatos, o Governo Central não queria que houvesse mortes, né. E ele via isso com altas restrições, o governo central. Todos que morriam eles procuravam enterrar logo e esconder. Então no fundo, no fundo, eles foram colocados no Martinho pra esconder, uma razão. Porque que não foram enterrados no Alfredo? Alfredo o cemitério era muito pequeno, não cabia todos, eram 40. Outra razão: no Alfredo eram todos Chimangos, menos um! Então, porque Chimangos, porque o Capo Travessão era chimango. O capo Travessão era tipo um da justiça, do comércio, representante do governo, pronto acabo, do local. Que era o Mussolin na época, eram todos chimangos, lado do governo. Então quando aparecia os maragatos, a vila entrava em alvoroço. Eles escondiam as moças no fundo da colônia, os cavalos, e ficavam noites, até dias, fora no interior. E a minha mãe levava comida pra elas, lá, que tavam escondidas. Mas eles escondiam tanto

quando vinham os chimangos como quando vinham os maragatos, porque os maragatos roubavam os cavalos mas os chimangos também roubavam os cavalos, os dois. E depois precisava comida né. Então as nonas faziam fornadas de pão pra eles. Elas passaram horrores. E então de-lhe faze pão pra essa turma poder comer. E se tu não faz tu vai pro brete. Então elas tinham que fazer pra alimentar a tropa. E lá, só pra ti ter uma ideia, uma oportunidade, chegou no travessão Alfredo 300 soldados a cavalo. E os maragatos eram grupos pequenos, eles recebiam o nome de bandoleiros também porque se criaram sub-grupos, sabe meio que se aproveitavam da situação e iam roubar. Mas enfim na realidade os que foram enterrados no Martinho foram escondidos. Nome dos mortos, não se sabe nomes, mas são todos oriundos de Juá, Vila Seca, Vila Oliva, Mulada, Criúva, esses lados aí. Então eles eram, o italiano chamava de *negri*, mas quando o italiano chama de *negri* não se deve traduzir como negro, necessariamente, não. Negri pro italiano é de origem brasileira, nem italiano nem alemão, então, *tutti negri*, isso era morenos, eram peões de estância na verdade. Então de Juá até Alfredo, morreram, passando por Caxias também, morreu um, certo que morreu um que foi o Piá [...] Então na batalha onde eles morrerem foi um confronto de tocaia, eles vinham pelo Rio das Antas, eles trancaram pra não deixar o Pain Filho passa, trancaram a entrada. Ma ai lá começou a fome, tinha que comer, tinha que comer, tinha que beber, então decidiram subir. E os chimangos tavam aqui atocaiados numa mata cheio de pinheiros, quando eles vieram eles fuzilaram os 40. Foi uma batalha interessante porque quem contou essa história foi minha tia, minhas tias, porque elas foram lá ver os mortos.

Bianca: Sim, foi isso que a Fátima tinha me comentado, que você sabia porque tinha, ela não sabia que era a sua tia, mas ela comentou que você tinha conversado com alguém que era criança na época e tinha ido lá ver os mortos.

Plínio: Quem foi vê lá, tu quer saber? Era a mulher do Raimundo Paviani, que era vizinha da minha mãe. A minha mãe não foi porque ela era muito pequenina, tinha 6, 7 anos. A irmã dela, que era a irmã Leonor das irmãs São Carlos, duas irmãs mais velhas foram, as irmãs Bernardi foram também. E quando elas iam, os cara que estavam voltando falavam "você não vão lá vê porque la é terrível e bababa". Cada um que passava dizia isso, mas a curiosidade foi aumentando. Foram lá vê e depois ficaram três dias e três noites sem dormir e sem comer. Porque ali, os chimangos pra esconder os corpos, vo te da um detalhe. Em cada batalha morria cavalos também de fuzil. Então o cavalo morria, abria o cavalo e escondia o cadáver dentro. Tirava a buçada dele e enfiava o cadáver dentro, pra esconder. Isso é, a brutalidade deles, que tinha pra todo lado não vai pensa que não. Dos dois lados, tanto maragato como chimango. La pra selvageria não distinguia lado, era tudo igual. Então foi assim isso ai. Mas o livro ta pronto depois quem quiser [...] o Domingos conto que o pai dele conto. O Ricardo Panizzon não ta aqui mas o Ricardo Panizzon foi quem enterrou. Ele tinha 18, 19, 20 anos. Ele era novo! Apenas eles tinham vindo do (Linha) 60, ele morava no 60, Otávio Rocha [...] Mas os chimangos andavam na estrada geral, e os maragatos nas picadas. [...] No fundo o cemitério do Martinho, eu digo que da pra chama assim, de esconderijo dos maragato, depois de morto.

Bianca: E eu queria te pedir também porque o senhor e o seu Domingos foram colocar as cruzes né.

Plínio: Não eu fiz as cruzes e levei la na casa dele e disse ó tu me bota essas cruzes no lugar aonde eles foram enterrados. “Eu sou sei que eles foram enterrados no limbo”, ele disse. Mas como o limbo só tem 1 metro, é pequenino, não cabia 40 lá! E tinha crianças lá enterradas também. Então ele ia enterrar na frente. Porque que o padre mando enterra no limbo? Porque não sabiam o nome, não sabia se era católico, não sabia nada.

Bianca: Sim sim, verdade. E foi mais ou menos em que ano que vocês colocaram essas cruzes?

Plínio: Ah faz tempo. Quando eu soube da história eu fui lá ver e disse “Mas domingos cadê as cruzes?” Porque eu encontrei uma, de ferro. E eu peguei, fui na firma e disse pra fazerem

Bianca: A então já eram de ferro as cruzes?

Plínio: A maioria era de madeira, eu vi uma no chão e pedi pra ele: ma era de ferro ou de madeira” e ele me disse acho que de madeira porque ninguém cuidava aqui!” Então eu vi uma no chão e disse “olha, Domingos, aquela cruz lá, aquele monumento de gres lá, é teu avó. Domenico, morreu 1908, eles foram busca em São Sebastião do Caí a cavalo com os cestões. Mas sabe porque que buscaram? Porque ele tinha dinheiro. Então a cruz grande e toda trabalhada tinha dinheiro, e a medida que ia diminuindo o dinheiro ia diminuindo a cruz. Então a cruz do pobre era aquela cruzinha que tá alí. Então no fundo no fundo é um mosto desconhecido lá. E ai eu perguntei pra ele como que tinham sido enterrados ele me falo que foram 40 covas, mas uma do lado da outra, mas então é uma cova contínua, deve ser contínua. Mas aí tinha a degola também, então tinha cabeças soltas que tavam nos cestões, . Mas uma coisa que os chimangos faziam era quando morria um só e morria o cavalo também, era abrir o cavalo no lugar certo, coloca o morto, e deixar. Porque aí vinha os abutres e comiam tudo.

Bianca: [...] E agora que foi tombado o Cemitério, o que que você acha que isso significa assim pra comunidade...

Plínio: O título do livro eu ainda não dei, mas um deles é Mistério, porque é um mistério isso tudo. É Mistério no Val de Spirit. Outro é o Silencio da Historia. Porque fico sempre em silencio, então foi imposto esse silencio pelos Chimangos, por Borges de Medeiros. Ele fico 20 e tantos anos, 29 anos ele fico no poder! Ele é o sucessor de Júlio de Castilho e o Assis Brasil disse “Espera um pouco, vocês me contam errado ai, a contagem de voto” e deu no que deu. Mas o governo central não queria isso de maneira nenhuma então a revolução aconteceu meio que por debaixo dos panos. E onde que aconteceu a Revolução? Foi o interior! Porte Alegre teve, mas muito pouco. Mas o que que significa, *tchó*, alguém tem que conta a história porque o povo sem história morreu! Os romanos existem ainda, claro na memoria nos escritos, mas o império romano desapareceu por dois três motivos que todo mundo sabe [...] Eu sempre ouvia a minha tia, a freira, ela contava essa história! E eu dizia “mas como é que foi mesmo”, então ela contava direitinho, era freira né. Contava tudo com detalhes, direitinho. Ela se lembrava ainda com qual vestido ela tinha ido ver! [...] Ai elas foram lá e viram que era no fundo da colônia do Toni Zorzi hoje, e teria sido na estrada que vai pro Accioli, alí que teria sido! Porque tinha uma encruzilhada que ia pro centro do Alfredo e descia la. Bom agora restaura o Cemitério tem que restaura claro. O Domingos teve o mérito de segura o Cemitério porque era pra ele ter sido destruído e passa aqui na beira na estrada e ele disse não senhor eu não vou tirar meu avó da alí não senhor, e teimo tanto que ficou

Bianca: Que bom né, que fica no local original

Plínio: É depois alguns mortos tiraram de lá. Porque lá tem Caldart, tem Detofoli, tem Mezzomo, tem Pitt, que é nossa parente. O Domingos fica segundo primo meu [...] E uma coisa é certo, história não se destrói, tá? Ou ela permanece aqui na cabeça, ou nos monumentos ou nos lugares. Mas agora uma coisa espetacular do Martinho é a memória das pessoas, é como se tivesse acontecido ontem! [...]